

FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA

Disciplina

Código Disciplina 2021TEO001

Nome Disciplina FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA

Área Católica EAD

► Unidade 1

Pontuação requerida: 0

Unidade 1 e suas 4 Aulas.

Tema(s):

Questões introdutórias de Fundamentos da Teologia

- Questões Introdutórias de Fundamentos da Teologia

Tópicos(s):

Questões Introdutórias de Fundamentos da Teologia - Parte 1

Tipo: Conteúdo

A Teologia é uma ciência que tem por objeto o próprio Deus que vem ao nosso encontro, desperta-nos para a sabedoria e se revela como o Deus amoroso. Esse vir até nós nos faz pensar num movimento que Deus vem a cada um, sendo, além de objeto, o sujeito e protagonista do estudo teológico, que nos faz mergulhar na reflexão teológica mediante sua ação. Daí a ligação da Teologia com a espiritualidade ou espiritualidades (no plural), numa busca de intimidade com Deus para uma concretude do aprendizado. Para Clodovis Boff (2015, p. 116): "o trabalho teológico não se contenta em desenvolver o lado veritativo ou dogmático da fé (*fides quae*), mas também o lado afetivo ou espiritual (*fides qua*). Os dois aspectos estão recíproca e intimamente imbricados (...)".

O teólogo está por inteiro no estudo teológico e necessita de uma metodologia, visto que enquanto ciência precisa de um rigor epistemológico, inerente a toda ciência, mas sem perder a ação de Deus que impulsiona o teólogo a sentir com Deus, a se sensibilizar como o Filho de Deus, Jesus Cristo. Daí que a metodologia levada a sério do estudo teológico enquanto ciência se une ao sentir com e como Jesus. Para Clodovis Boff (2015, p. 119): "É que o rigor teológico se confunde, em sua raiz, com o fervor".

Assim, o teólogo vai conciliar o método com o sentir para experimentar o ser cientista com o ser sensível aos olhos da fé, vislumbrando uma ciência como a única em que o sujeito é Deus e o objeto é também Deus. Deus vem ao que tem fé para que este possa refletir sobre o próprio Deus e sentir com Ele. O movimento de Deus de vir até cada um nos faz pensar que este Deus que nos ama ilimitadamente quer a

nossa salvação e também que compreendamos, de maneira concreta, como criaturas de Deus, o projeto de diálogo entre Deus e a humanidade. Com uma teologia auxiliada pela antropologia faz de nós corresponsáveis pela criação, mesmo num momento de pandemia, em que muitos seres humanos perderam suas vidas como dons preciosos do Criador. Conforme Urbano Zilles:

O teólogo precisa interpretar a experiência humana à luz da fé em Deus, mostrar que a existência humana não se reduz à racionalidade imanente. No mundo atual, o teólogo necessita do diálogo entre a Teologia e a Ciência, sabendo que a Teologia deve respeitar a autonomia da ciência e esta a da Teologia. Isso significa que uma não deve querer instrumentalizar a outra ou confundir uma com a outra. Para dialogar com a Ciência e a Filosofia contemporâneas, pressupõe-se uma razão aberta e capaz de articular a questão de Deus. Deus não é nem pode ser uma fórmula científica. Deus é um mistério, não um “objeto” do nosso conhecimento (ZILLES, 2008, p. 344).

Com isso, o lugar da Teologia é além de estar numa inteligência da fé (*intelectus fidei*), estar também num sentir (*sensus fidei*), no seguimento a Cristo, que tinha um rigor no ensinamento aos apóstolos e ao mesmo tempo no sentir com o povo, um povo vulnerável que sobrevivia com a esperança de salvação. O lugar da Teologia se manifesta no método de um conhecimento sistematizado e ao mesmo tempo num “lócus”, no lugar que se encontra, sentindo com Deus o apelo das realidades em que está inserido, no nosso caso, a América Latina. Esta mesma América Latina que passa por grandes sofrimentos, como a fome, as desigualdades sociais e a corrupção, transforma o grande amor de Deus pela sua criação em conflitos sociais, políticos e econômicos acima da solidariedade, do pensar no “outro”, como valor da alteridade, a exemplo da prática de Jesus.

Ao mesmo tempo em que o teólogo segue num conhecimento sistematizado, ele vislumbra no sentir através da fé com o povo, daí a importância do estudo da “Dei Verbum” (do Concílio Vaticano II) e de Medellin (Conferência Episcopal Latino-Americana). Estes eventos, um de 1962 a 1965 e outro de 1968, trouxeram para a Igreja como um todo grandes documentos que para a Teologia são marcos de estudo e admiração. O estudante de Teologia integra-se à ação pastoral teológica, a partir da recepção destes documentos como forma de apreender a metodologia das ciências teológicas, por meio do estudo de documentos básicos para o aprendizado teológico-pastoral.

Vale ressaltar que *Theós* em grego significa “Deus” e *Lógos* é traduzido como “Estudo, razão, verbo”. É a partir desses termos que o significado de Teologia é tratado de um estudo sobre Deus, razão de Deus, ciência sobre Deus. A língua grega foi utilizada para escrever os livros do Novo Testamento, alguns livros e partes do Antigo Testamento, a partir do popular grego, denominado *Koiné*. Todo o livro da Sabedoria, Macabeus I e II, o Eclesiástico, Judite, Tobias, Baruc, partes de Ester 10, 4-16,24 e Daniel capítulos 13 e 14 foram escritos em grego. Ressalta-se que o original do Evangelho de São Mateus foi escrito em aramaico (BOTELHO; GARATTINI, 2008/2019).

Questões Introdutórias de Fundamentos da Teologia - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

A teologia seguindo as perspectivas do Concílio Vaticano II vem formular mediante suas pesquisas e aprofundamentos novos paradigmas para o mundo de hoje, dialogando com a interdisciplinaridade e procurando compreender as preocupações mundiais. Além disso, a religião não detém mais a liderança no discurso da sociedade e vê como desafio este diálogo. É a partir disso que é ressaltada a importância de se ter novas pessoas imbuídas do espírito e da vivência cristãs com uma fundamentação científica e aberta para que, nas discussões com outros representantes do saber, saibam mostrar o real valor da vida e justificá-lo com coerência, não impondo nem demonstrando prepotência, mas realmente atingindo as mentes deste mundo considerado pós-moderno (GOMES, 2003).

O mundo com suas evoluções, suas formas de organização e sua maior complexidade gera em muitos uma sensação de impotência diante dos avanços individuais e sociais. Os meios de comunicação atuam nas massas de maneira forte e acabam modificando padrões considerados até então como mais comuns.

A teologia ao mesmo tempo que não pode menosprezar essas realidades históricas e culturais de cada povo, também não pode compactuar com as atitudes impositivas que levem a uma insensibilidade social. O próprio discurso teológico vai experimentar esta dualidade presente em toda a sociedade moderna, mas o que não pode acontecer com este discurso é o esquecimento das situações de vulnerabilidade, dos fracos, dos miseráveis, dos doentes (GOMES, 2003).

Assim, a teologia toma novos rumos, salientando as questões dos mais empobrecidos num diálogo com outras áreas da própria teologia, mostrando atitudes de "superação do fundamentalismo", de uma maior compreensão da "tradição" como ponto de referência para a fé, dando ênfase na vida dos primeiros cristãos como "lócus" da revelação e propondo a "opção preferencial pelos pobres" como critério teológico.

A "opção pelos pobres" vislumbra questões discutidas em muitas ciências. Na teologia, há discussões que enfatizam a situação dos vulneráveis, procurando em suas pesquisas e discursos realçar e sanar, em primeiro lugar, as realidades básicas de sobrevivência para se ter uma dignidade humana (GOMES, 2003).

São posições que querem abarcar a contextualização em que se encontra uma grande maioria da população mundial, dependendo esta de realizações no âmbito da erradicação da fome, da subnutrição, de tratamento das doenças, de fornecimento de remédios gratuitos ou acessíveis, de saneamento básico, para que a saúde seja vista dentro de um complexo de fatores emergenciais e preventivos.

Na teologia, encontramos muitas reflexões que devolvem a voz e a vez aos mais pobres e vulneráveis, impulsionando a prática pastoral para ações que sejam solidárias com os mais fracos e elevem essas pessoas à qualidade de criaturas de Deus que são, tirando-as do mundo sub-humano.

Visto que todos, homens e mulheres, trazem em si mesmos a imagem de Deus... Não é difícil entrever as numerosas implicações práticas, que tal imposição comporta. Em primeiro lugar, há que trabalhar por melhores relações sociopolíticas entre as nações, assegurando condições de maior justiça e dignidade àquelas que há menos tempo alcançaram a independência e entraram na comunidade internacional. Depois, é preciso prestar ouvidos, com profunda sintonia, ao grito angustiado das nações pobres (JOÃO PAULO II, 1995, p. 118-119).

A própria relação da Teologia com outras ciências torna-se crescente, pois deparamo-nos com seções oferecidas aos participantes dos Congressos de Teologia com preocupações sobre o ser humano e sua

dignidade, bem como conferências e seminários ministrados por pesquisadores de outras áreas. Dessa maneira, há espaços de diálogos entre as ciências, mostrando a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade existentes na modernidade e “ressaltando alguns pontos em que a teologia é, ao mesmo tempo, companheira e, de certa forma aprendiz (...) na tarefa de discernir caminhos para o futuro da humanidade” (ANJOS, M.F., 2001, p.13).

Questões Introdutórias de Fundamentos da Teologia - Parte 3

Tipo: **Conteúdo**

Na antropologia, o estudo da questão das culturas oprimidas é de grande notoriedade, pois muitos antropólogos se inserem nestas culturas, como a indígena, a negra, a africana e outras, e procuram no contato com elas apontar para sentidos diferentes do ser humano em visões de vida prática e valorizá-las como tais, numa autêntica revitalização de culturas que continuam sendo excluídas e muitas vezes dizimadas pela violência branca e dominante.

Essas e outras ciências vão descontinuando o tema da vulnerabilidade, inseridas numa história concreta. Esta história procura apresentar também o sentido diacrônico pela ótica dos mais fracos, lembrando que há muito se ouvia e estudava histórias dos povos pela visão do dominador. Mas pela experiência do tempo e dos fatos, com a evolução da crítica e de novas documentações, a história se insere de maneira mais coerente com suas propostas de mudanças de mentalidade e da busca da verdade (GOMES, 2003).

Com a virada do século, a preocupação dos teólogos e de outras ciências torna-se crescente, pois ter uma melhor qualidade de vida supõe um olhar crítico na solução das situações dos vulneráveis, situações estas que, muitas vezes, podem se agravar ou obter soluções, dependendo das decisões internacionais das muitas instituições, fóruns, congressos, simpósios e da própria população interessada na responsabilidade e no compromisso com o ser humano como imagem de Deus.

Nesta caminhada por melhores condições de vida, a valorização da teologia se faz importante na contribuição para reflexões sobre a dignidade humana, buscando conhecimentos teóricos para preservar e valorizar a vida. É um diálogo entre as ciências, priorizando a prática. O filósofo de Königsberg Immanuel Kant falava, mesmo nascendo em 1724, numa Europa assolada pela pobreza e pela peste: “Não há ninguém, nem mesmo o pior facínora, se está habituado a usar da razão, que não deseje, quando se lhe apresentam exemplos de retidão... de compaixão ter também esses bons sentimentos” (KANT, K. I., 2002, p. 87).

Os momentos históricos clamam por novos procedimentos, fazendo com que se busquem novas medidas práticas, desvelando a realidade e apresentando novos passos. A importância da teologia se faz no momento de apontar para a razão na busca das soluções cabíveis. A lentidão em praticar ações que visam ver a dignidade do ser humano como imagem e semelhança de Deus caminha com outras questões que pedem produções científicas de todas as ciências para solucionar estes problemas. Isto associado com a evolução dos conflitos étnicos, religiosos, políticos, econômicos e sociais traz para a reflexão teológica uma situação de encruzilhadas, em busca de novos horizontes (GOMES, 2003).

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Fides quae: fé enquanto verdade (sujeito – quae).

Fides qua: fé enquanto ação (ablativo – qua).

Epistemológico: conhecimento (episteme, em grego, significa conhecimento).

Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina (Concílio Vaticano II).

Vulnerabilidade, em português, na morfologia verbal, vem de *vulnerar*, sendo um verbo transitivo significando “ferir, golpear, ofender, magoar”; na morfologia nominal, deriva do adjetivo *vulnerável*, “que pode ser vulnerado; do ponto pelo qual alguém pode ser atacado”. Há ainda os vocábulos: *vulneração*, “ato ou efeito de vulnerar (do latim *vulneratione*)”; *vulneral* — “vulnerário”; *vulnerante* — “que vulnera”; *vulneraria* — “planta leguminosa que se emprega em cataplasmas contra feridas recentes (do latim *vulneraria rústica*)”; *vulnerário* — “que é próprio para curar feridas”; *vulnerativo* — “o mesmo que vulnerante”; *vulnífico* — “que fere ou pode ferir”; e *vulnerabilidade* — “substantivo feminino — qualidade de vulnerável” (AURELIO, 1993, p. 329).

Diante desta conceituação, a vulnerabilidade pode ser entendida de várias formas: a parte mais fraca, o que sofre alguma coisa, o que é oprimido, o que é destituído dos seus direitos, o que é ferido em sua dignidade, o que está magoado, o que está excluído, aquele que não tem perspectiva de vida futura, o que se encontra na guerra, o que é golpeado, o que é ofendido, o que está doente, o que sofre violência física e moral, o que não consegue usufruir da educação, da saúde e do lazer, o que pode ser atacado a qualquer momento, aquele que é perseguido, torturado e morto, as vítimas de guerra, os fetos humanos, a natureza não humana etc. É um conceito muito amplo que aponta para o ser humano e que pode ser vítima de uma política de manipulação e de repressão, de alijamento dos mais fracos.

Referências

- ANJOS, M. F. Bioética e teologia: janelas e interpelações. **Perspectiva Teológica**, v. XXXIII, n. 89, p. 13-31, jan-abr. 2001.
- AURÉLIO, B. H. F. **Dicionário Prático da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BÍBLIA. **Tradução Ecumônica**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, Clodovis. **Revista Pistis Praxis**, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12986>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- _____, Teoria do método teológico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOTELHO, José Francisco; GARATTONI, Bruno. **Quem escreveu a Bíblia?** 2008 – atualizado em 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quem-escreveu-a-biblia/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- FISICHELLA, Rino. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- GOMES, Jorge. **América Latina: Libertaão e Densidade**. Disponível em: <https://youtu.be/9loHs2l7S9I>. Acesso em: 20 Abr 2021.
- GOMES, J.L.G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- JOÃO PAULO, PP. II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in África**. Doc. Pontifícios nº 267. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulinas, 1989.

- ZILLES, Urbano. O Perfil do Teólogo Hoje. In: **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 38, n. 161, p. 338-347, set-dez. 2008.

Método Teológico

- Método Teológico

Tópicos(s):

Método Teológico - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

Toda ciência necessita de método para se chegar ao conhecimento, visto que organizar a maneira de estudar e de compreender se faz necessária para um melhor aprendizado e interpretação. O método cria em nós uma disposição interior e uma disciplina para conseguirmos adentrar nos estudos das ciências teológicas, pois por ser transcendente, requer concentração, pesquisa e aprimoramento. Conforme o teólogo Cesar Alves, o método teológico é:

Caminho ordenado e sistemático de proceder quando se tem em vista atingir um objetivo e que, concomitantemente, demanda criatividade, inteligência e inventividade (...) consiste no exame da estrutura e da gramática que devem configurar o exercício desse saber (...) o estudo das normas, critérios e das operações que o teólogo realiza para desenvolver corretamente sua atividade teológica". (ALVES, 2019a, p. 29-30)

Bernard Lonergan, teólogo jesuíta canadense que viveu de 1904 a 1984, escreveu, dentre outros livros, *Insight: um estudo do entendimento humano* (1957) e *Method in Theology* (1972). Segundo o artigo escrito na Universidade de Dayton, Doyle afirma que "**Method in Theology** mostra como a teologia pode ser uma disciplina totalmente razoável e crítica enquanto, ao mesmo tempo, retém o papel tradicional de 'fé em busca de compreensão'" (DOYLE, 2017).

Assim, a fé se liga à razão, saindo de um estudo seminarístico para ingressar nas universidades, que além de apresentar uma faculdade de teologia, preocupa-se com a pesquisa e a extensão desta ciência, proporcionando um conhecimento que mergulha no aprimoramento e na hermenêutica. Com isso, a objetividade no estudo teológico é resultado de uma subjetividade que se apaixona por Deus e apresenta novos estudos e interpretações atualizadas.

Esses estudos de teologia apontam para a apostolicidade e catolicidade da fé da Igreja, vislumbrando uma igualdade entre o que comunica e o que recebe, com liberdade de ambos os sujeitos. Assim, demonstra neste processo que é teológico-eclesiológico que não há uma submissão ou obediência cega, mas sim um exercício ativo de mente e coração, pensamento e sentimento de fé e razão, em que o método teológico partindo da vida é anterior à reflexão e a prática precede a teoria confirmado a autocomunicação de Deus, na graça anunciada por Cristo e impulsionada pelo Espírito Santo.

Contudo, a convocação do Concílio Vaticano II é um incentivo para novas práticas teológicas, novas maneiras de repensar a questão da teologia, com novas imagens da Igreja. A *Gaudium et Spes* aponta para

a Igreja Inculturada; a *Dei Verbum* traz o binômio “tradição-recepção”, ou seja, Igreja que ensina e Igreja que aprende; a valorização do *Sensus Fidei da Lumen Gentium* (cap. II) sustentado pela ação do Espírito Santo, Igreja Pneumática. Além disso, a Igreja Comunhão era sustentada pelas Igrejas Locais, Regionais e Universal com amplo diálogo, com uma teologia que garante a catolicidade.

Método Teológico - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

Para compreendermos a ligação de fé e razão, precisamos estudar determinados pressupostos filosóficos, visto que a filosofia é um dos requisitos para se aprofundar a teologia. Zilles afirma que: “Segundo o saudoso Papa João Paulo II, na *Fides et ratio*, número 45, a separação entre Teologia e Filosofia, a partir da Baixa Idade Média, tornou-se nefasta” (ZILLES, 2005, p. 458). Isto nos faz refletir sobre a ligação e não submissão da teologia com a filosofia, demonstrando a importância de pressupostos filosóficos para uma melhor compreensão da teologia, num movimento de interdisciplinaridade, como também de transdisciplinaridade.

O método teológico visto na antiguidade ou idade média precisa levar em conta o contexto daquelas épocas. Na teologia não existe neutralidade, pois os posicionamentos teológicos, quer sejam na idade média, quer sejam na atualidade, partem de uma fé de uma determinada cultura, local e realidade, em nosso caso, de uma teologia Latino-americana. Conforme Cesar Alves afirma: “Na Teologia da Época Patrística, o método se assinala pelo reconhecimento de uma apostolicidade expressa pelo termo *parádosis* (Tradição). Tal termo designa uma realidade viva e ativa mantida em sucessão com os apóstolos” (ALVES, 2019b, p. 1095). Assim, a preocupação era com a tradição passada pelos sucessores apostólicos, devido ao contexto de busca da unidade e da comunhão, como forma de resistência às perseguições do Império Romano.

Na época da escolástica, a teologia dá continuidade ao método da tradição patrística: “estear as reflexões na revelação culminada em Cristo, e aprofundar os dados da fé tirados da Sagrada Escritura, da Sagrada Tradição, dos ensinamentos dos concílios e do sucessor de Pedro, e da vida da Igreja” (ALVES, 2019b, p. 1096).

Cesar Alves nos apresenta três evidências na metodologia teológica que possibilitam entender a teologia na sua história metodológica:

1) quem faz a reflexão não está numa posição neutra no que diz respeito à confissão religiosa (...). Metodologicamente, em Teologia, ato de fé e ato de raciocinar estão constantemente imbricados: “creia para que possa compreender” e “compreenda para que possa crer” (...) Outra evidência: 2) quem faz a reflexão teológica não comece da estaca zero. Há muita coisa antes dele que precisa ser conhecida. A expressão clássica para se referir a isso é *auditus fidei*, escuta da fé: ouvir as diversas e determinadas instâncias anteriores. Uma terceira evidência: 3) é necessário raciocinar, “prosseguir a edificação em cima dele [o fundamento, o evento Cristo]” (BEUMER, 1972, p. 17). A expressão clássica para se referir a isso é *intellectus fidei*, raciocínio sobre a fé, valendo-se de instrumentais conceituais de seu tempo.

Contudo, a Teologia tem sua autonomia, pois tem seu objeto próprio de estudo e suas fontes, mesmo valorizando estudos de pressupostos filosóficos. A metodologia científica de outras ciências ajudou a teologia na evolução de seu método teológico, num diálogo de evolução científica e de confirmação do valor científico do método. O Teólogo jesuíta Karl Rahner "defendia uma superação da tradicional distinção entre natural e sobrenatural, que vincula Filosofia e Teologia, indicando novos caminhos. Segundo ele, a reflexão filosófica indica um vínculo transcendental do homem com Deus ..." (ZILLES, 2005, p. 464).

Método Teológico - Parte 3

Tipo: **Conteúdo**

Na América Latina, a metodologia teológica passa a ser do geral para o particular, do dedutivo para o indutivo, da teoria para a prática. A vulnerabilidade vista a partir dos mais fracos tem eco na produção teológica, onde a 'opção preferencial pelos pobres' se torna forte, principalmente com a II^a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano reunida em Medellín, na Colômbia, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. Com determinadas conclusões de Medellín, a Igreja Latino-americana passa a dar ênfase às situações dos vulneráveis, dos pobres, procurando uma mobilização para a promoção de vida digna para os sofridos.

E quem, ao escutar as necessidades e misérias de milhões de homens e mulheres latino-americanos, ao ver em seus rostos o rosto do Senhor, não sente que deve estar com eles? Saber estar presente significa comprometer-se com os esforços da emancipação, com as lutas de nossos irmãos que, pelo fato de haverem sido salvos em Jesus Cristo, procuram alcançar condições de vida mais humanas. Saber estar presente significa identificar-se com os pobres deste Continente, libertar-se dos enganadores laços temporais e do peso de um prestígio ambíguo (CELAM, 1970, p. 25).

O método indutivo usado a partir de Medellin (1968) mostra uma contextualização que se dá numa história concreta, num tempo, num lugar; ler com o texto é fazer uma leitura das várias realidades existentes, em que cada cultura é respeitada e lida com tolerância. Todos os seres humanos estão inseridos num determinado local, numa determinada cultura, eles não são abstratos; e aqueles que estão vulneráveis nas suas concretudes requerem mais atenção e uma prática bioética que dê condições aos que estão excluídos de tratamentos, de acesso aos remédios e de uma saúde preventiva e curativa, de terem uma participação e serem vistos como pessoas incluídas nas relações humanas.

A análise crítica das estruturas vigentes, inclusive referente à opção pelos pobres, é fundamental para o discurso da teologia. A teologia contextualizada tira o sujeito da acomodação teórica e legalista e o faz emergir para atitudes fundamentais de sobrevivência humana, pondo fim às desigualdades e fazendo acontecer uma vida prática. Nesta praticidade, o ser humano é valorizado e a equidade é critério para a dignidade e saúde dos vulneráveis, saindo assim de uma visão metodológica dedutiva (do geral para o particular) dos conflitos éticos e ingressando na atenção às questões de vulnerabilidade e suas particularidades (GOMES, 2003).

Dentro da metodologia na teologia e demais ciências, temos uma visão dedutivista, partindo de uma apreciação geral para o particular. Aqui se insere várias produções e pesquisas científicas, inclusive a

teológica, partindo da teoria para se chegar a uma prática teológica, conforme é a visão do teólogo Clodovis Boff.

A visão indutivista acaba evitando a abstração teórica da visão dedutivista, procedendo do contexto, em que os valores existentes levam em consideração a cultura e a vida de cada ser e de cada situação específica. A teologia contextualizada pode ser incluída nesta visão, pois não parte dos princípios universais, mas das realidades vividas por cada ser, por cada povo. Dentro desta perspectiva, temos também a teologia feminista, pois esta ainda lança uma crítica muito grande à metodologia abstrata (branca e masculina), valorizando a vulnerabilidade em geral, principalmente a da mulher.

Outro tema da metodologia teológica contextualizada é a questão do *idioma teológico*. No mundo de hoje, há pesquisadores em todas as partes do mundo. Com isso, a relevância de termos maiores informações sobre a linha de pesquisa de cada um ou de cada grupo de estudos, sobre as instituições das quais fazem parte e suas *biografias teológicas* se faz importante. Seria também uma maneira de verificar o andamento das pesquisas e de como se dá o conhecimento teológico em vários países; de como está a produção dos escritos teológicos; quais as preocupações despertadas nestes estudos.

A imposição norte-sul também ocorre na questão da linguagem teológica. São questões que os pesquisadores apresentam a partir dos estudos que apresentam visões europeias e norte-americanas, considerados países do Primeiro Mundo e visões de países latino-americanos, africanos ou asiáticos.

Estas questões também são importantes para a teologia, de qual lugar estamos produzindo, pois a questão da identidade cultural está em choque diante dos valores externos. O conhecimento do outro, de novas culturas, faz com que a própria identidade seja compreendida. Mas isto acontece em termos de trocas recíprocas e não de imposições e de linguagens teológicas “superiores”. Que autores do Primeiro Mundo sejam importantes é sinal de reconhecimento, mas que a produção do Terceiro Mundo tem sua própria identidade e linguagem, isto também é uma realidade.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Método – palavra grega, composta de duas palavras: *méta*, que significa meio, através de; e *hódos*, significando caminho. O método teológico indica o caminho que através do qual o teólogo chega aos objetivos determinados.

Fides et Ratio: Encíclica do Papa João Paulo II do dia 14 de setembro do ano de 1998 que trouxe a possibilidade de um diálogo entre ambas, pois “a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (JOÃO PAULO II, 1998, n. 1); Como a graça supõe a natureza e a leva à perfeição, assim também a fé supõe e aperfeiçoa a razão. Esta, iluminada pela fé, fica liberta das fraquezas e limitações causadas pela desobediência do pecado e recebe a força necessária para elevar-se até o conhecimento do mistério de Deus (JOÃO PAULO II, 1998, n. 43).

Transdisciplinaridade: adiciona uma camada mais profunda à relação entre diversas disciplinas ao combinar o âmbito cognitivo com as outras dimensões que perpassam o indivíduo, isso porque todas essas esferas funcionam de forma holística e não separadamente em momentos específicos do cotidiano.

Referências

- ALVES, C. A. **Método teológico e ciência**: a teologia entre as disciplinas acadêmicas. São Paulo: Loyola, 2019.
- _____, A Teologia na árvore das áreas de conhecimento. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 1091-1119, maio-ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/17401>. Acesso em: 27 Ab. 2021.
- CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Odilon Orth (org.), Petrópolis: Vozes, 1970.
- DOYLE, Dennis M. **Bernard Lonergan traçou um mapa da teologia para uma nova era**. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/ 564522-bernard-lonergan-tracou-um-mapa-da-teologia-para-uma-nova-era>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- TOUILLEUX, Paul. **Introdução e uma teologia crítica**. São Paulo: Paulinas, 1969.
- ZILLES, Urbano. **Fé e razão na filosofia e na ciência** Rev. Trim. Porto Alegre, v. 35, n. 149, p. 457-479, set. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1697>. Acesso em: 27 mar. 2021.

As fontes da Teologia ou A Fonte?

- As fontes da Teologia ou A Fonte?

Tópicos(s):

As fontes da Teologia ou A Fonte? - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

Quando falamos de fontes da teologia, pensamos logo na Bíblia, como fonte primeira. Este pensamento trouxe um conflito para a Igreja Católica: seria somente a Bíblia, como pensam alguns evangélicos e mesmo um grupo de bispos católicos presentes no Concílio Vaticano II? Este conflito foi resolvido neste Concílio, conforme o teólogo Ary Ribeiro escreve no seu artigo *A superação da doutrina das "duas fontes"*:

Esta atitude do Papa João XXIII de formar uma Comissão Teológica para apresentar uma evolução na pastoral e no diálogo ecumônico, trouxe grandes frutos para a Igreja e para os estudos teológicos, pois retirou esta teoria das 'duas fontes'.

Com isso, a *Dei Verbum* fez uma evolução no estudo das fontes da teologia, unindo a Sagrada Escritura com a Sagrada Tradição, conforme o número 9 da *Dei Verbum*, e complementa no número 10 com o Magistério da Igreja: "É claro, portanto, que a sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo desígnio de Deus (...), sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas". As três instâncias estão unidas e se integram para o depósito da fé, na única fonte da teologia que é Deus.

A doutrina das "duas fontes" com origem em São Basílio (século IV), com reforço na Idade Média, na Escolástica e após o Concílio de Trento, identificou a revelação divina e as verdades da fé com a Palavra de Deus, criando duas situações em que a revelação era comunicada. Porém, o Concílio Vaticano II corrigiu este desvirtuamento afirmando que há uma só fonte que é Deus. Um Deus que se aproxima do povo, que o dota

de conhecimento da Sua Palavra, principalmente, dos simples e vulneráveis, como os personagens bíblicos que sofreram com muitas situações de conflitos e superação.

A *Dei Verbum* trouxe para a Igreja uma síntese de pontos fundamentais sobre a revelação divina, que vamos abordar na unidade 2. Os seis capítulos desta constituição e seus vinte e seis números vão se unindo aos temas amplos como Revelação, Palavra de Deus para os específicos como a Escritura, ligando a Revelação à Tradição e à Escritura.

No despertar de metodologias para estudos bíblicos, a *Dei Verbum* incentivou o avanço destes estudos e, no Brasil, tivemos grandes avanços com cursos bíblicos nos meios populares, como o expoente Carlos Mesters que transmitiu e apresentou muitos estudos para as paróquias em várias dioceses brasileiras, numa época do fervilhar da educação popular, por meio da Bíblia.

Com isso, a reflexão teológica enriquece e dialoga com outros temas e camadas simples da população, fazendo-nos refletir que com o avanço da teologia, da técnica, da linguagem (linguística), dos teólogos e da Bíblia, há uma abertura à ação do Espírito Santo que impulsiona os estudos teológicos para horizontes que atualizam a mensagem da Palavra de Deus, acompanhada com outras instâncias que se unem para dar um sustentáculo à fé, a partir da complementaridade das instâncias da teologia, unindo fé e razão e vislumbrando Deus como a fonte (GOMES, 2003).

Com o Concílio Ecumênico Vaticano II, a teologia é impulsionada para fronteiras além das questões internas, favorecendo uma prática solidária com todos os povos; é uma abertura ao gênero humano, às situações de vulnerabilidade, proporcionando opções concretas para a Igreja Católica junto aos pobres, vivendo ao lado deles e com eles: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (GS n. 1).

A teologia vem buscar a sua identidade a partir dos pobres. Suas formulações dialogando com outras ciências apresentam reflexões para o mundo, repercutindo no social, político, econômico e cultural, fazendo com que ocorra a libertação integral do ser humano, libertação de todas as estruturas que exclui uma grande parcela da humanidade de vida mais digna.

Diante das incompREENsões de alguns fazeres de teologia, podemos dizer que há uma incompRENSão-crise na maneira de ver determinadas teologias, como afirma o pensador Paul Valadier, as crises da racionalidade e da fé trouxeram novas maneiras de viver e atualizar tanto a razão quanto a fé. Talvez aqui possamos obter alguns posicionamentos para a questão teológica:

O papel de uma Palavra de autoridade não é ameaçar ou condenar, mas convidar a crescer, a desenvolver-se. É o que diz São Paulo, no entanto, com severidade, à comunidade de Corinto. Pois se fala alto e forte, diz ele basicamente, é para vos « edificar », vos construir, fazer-vos avançar (*Segunda Carta aos Coríntios 13,10*), não para vos destruir ou desencorajar. Não é este o princípio fundamental e a justificação de qualquer autoridade, na sociedade, na família, como na Igreja? (VALADIER, 2012, p. 9).



Valadier no segundo momento da sua racionalidade e da fé são crises de crise da teologia como serviço e não improprio agir da fé com fundamento horizontes de liberdade na teologia e mas sim de serviço.



Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Escolástica: pensamento teológico-filosófico de orientação cristã, da Idade Média, que se caracterizava pela busca da conciliação entre fé e razão, tendo como suporte a tradição grega de Platão e Aristóteles; escolasticismo. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escolas>. Acesso em: 13 abr. 2021.

Basílio de Cesareia (330-379 dC), também conhecido como São Basílio Magno: bispo de Cesareia, na Capadócia (atualmente a cidade de Kayseri, na Turquia). Lutou contra as heresias: o arianismo e os seguidores de Apolinário de Laodiceia.

Referências

- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano: Arquivo, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 07 abr. 2021.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- RIBEIRO, A. Vale. **A superação da doutrina das "duas fontes"**. Revista de Cultura Teológica, v. 16, n. 64, p. 47-73, jul-set. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/15519/11595>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- SEGUNDO, Juan Luis. **O dogma que liberta**: fé, revelação e magistério dogmático. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Pensamento Teológico).
- VALADIER, Paul. **Crise da Racionalidade, Crise da Religião**. Mini-curso na FAJE, nos dias 25 e 26 de setembro de 2012.

- A tradição da Igreja

Tópicos(s):

A tradição da Igreja

Tipo: **Conteúdo**

Quando pensamos em tradição da Igreja, podemos confundir com uma das fontes da teologia, como pensavam os adeptos da teoria das “duas fontes”, ou mesmo podemos igualar a tradição da Igreja com o magistério da Igreja, mas tradição da Igreja inclui cinco instâncias. Essas cinco instâncias nos fazem perceber as diferenças entre tradição e tradicionalismo. O tradicionalismo apregoa um conservadorismo moral, filosófico, teológico, político, em que é regra de decisão, não observando a autonomia do ser nem as diferenças existentes entre as culturas, os grupos e o individual.

Já a tradição respeita as culturas e está imbuída da ética e da responsabilidade social dos povos, valorizando-os e evangelizando-os sem fundamentalismos ou superioridade, simplesmente os reerguendo das vulnerabilidades existentes com o amor de Deus, na prática que Jesus viveu e demonstrou. Assim, a tradição da Igreja abrange cinco instâncias: A Sagrada Escritura, a Liturgia, o Magistério da Igreja, os Teólogos e o *Sensus Fidelium*. Essas instâncias se unem para proporcionar uma evolução não só de abertura da Igreja como o Papa Francisco pede, “uma Igreja em saída”, como também o valor de cada instância para a preservação e esperança da fé.

A Sagrada Escritura leva o fiel além de “auscultar”, a praticar as palavras ouvidas, numa relação de uma primeira instância da Tradição que inclui a pessoa do estudioso de teologia que, por meio da experiência da fé, desperta nele o agir da palavra de Deus, num tempo, lugar, espírito crítico e rigor na pesquisa, proporcionando um diálogo com outras ciências: um debruçar-se na escritura para conhecer sua complexidade (PERSPECTIVA TEOLÓGICA, 2007, p. 6).

A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só tenda ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência (DEI VERBUM, n. 9).

A liturgia como segunda instância da Tradição acolhe e interioriza a Sagrada Escritura numa oração comunitária e pessoal, compreendendo o mundo atual diferente do antigo e dialoga com outras tradições cristãs e religiões não cristãs, conforme afirma a *Dignitatis Humanae* sobre o respeito à liberdade religiosa.

Esta mesma liturgia reúne as pessoas de todas as classes, línguas, cores, culturas, lugares numa instância que não faz distinção de pessoas e que se reúne para prestar culto a Deus, ouvir sua palavra, fazer seus clamores ao próprio Deus, na esperança de dias melhores, num respeito às diferenças, na partilha do pão.

O magistério da Igreja como terceira instância, que mediante os bispos do mundo inteiro, tem a tarefa dentro do princípio de subsidiariedade, auscultando o Espírito Santo, de ouvir a palavra de Deus, e discernir sobre seu papel de guardar o depósito da fé, agindo com fraternidade para com os que se desviam da tradição e na preocupação da *salus animarum*, resguarda e reanima o fiel, como um pai amoroso, a exemplo da relação do Pai com seu Filho Jesus, não dispensando ouvir a academia.

A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja; aderindo a este, todo o Povo santo persevera unido aos seus pastores na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fracção do pão e na oração (cfr. Act. 2,42 gr.), de tal modo que, na conservação, actuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância dos pastores e dos fiéis (7). Porém, o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição (8), foi confiado só ao magistério vivo da Igreja (9), cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado. É claro, portanto, que a sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo desígnio de Deus, de tal maneira se unem e se associam que um sem os outros não se mantém, e todos juntos, cada um a seu modo, sob a acção do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas (DEI VERBUM, n. 10).

A tradição da Igreja - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

O papel do teólogo como quarta instância da Tradição pensa a fé por meio do rigor do estudo, trazendo novas interpretações, onde esta fé é sustentada pela tradição de quem auscultou a palavra de Deus e a interpreta. No zelo pelos estudos teológicos, o pensar a fé se fortalece na sua identidade confessional e, ao mesmo tempo, dialogando com outras identidades confessionais na compreensão do outro, do diferente. Com isso, o teólogo, na compreensão da fé (*intelectus fidei*), comprehende outras realidades e dialoga na perspectiva do mesmo Deus, para transcender a teologia para assuntos pertinentes e semelhantes, apesar das diferenças. (PERSPECTIVA TEOLÓGICA, 2007, p. 7).

De fato, cabe à academia discutir e criticar, com os instrumentos que lhe são próprios, as novas tentativas de interpretar a Palavra de Deus trazida até nós pela tradição viva da Igreja. É pela academia, em primeiro lugar, que passa o controle da teologia. À academia cabe avaliar a produção teológica, exercendo assim, de forma crítica e aberta, a função de crivo da qualidade dessa produção (PERSPECTIVA TEOLÓGICA, 2007, p. 8).

O teólogo, diante das descobertas científicas e do progresso, posiciona-se da seguinte maneira: admirar e não condenar; agradecer pela nova descoberta; acompanhar com o cientista as melhorias daquela descoberta; pensar na cura e maior qualidade de vida daquele ser; proteger como um profeta todo mau uso da descoberta.

O teólogo deve insistir que no pensamento não se pode separar a vida do social. Não há um debate sereno num mundo plural, visto que as discussões não podem ficar no religiosismo ou no secularismo. As interdecisões e a integração entre os vários segmentos sociais são contribuições necessárias para os frutos de uma melhor convivência e superação dos problemas existentes.

O teólogo não se opõe à ciência. E tanto a teologia quanto as ciências se opõem à desumanidade. Frente aos desafios tecnológicos, surgem os problemas ético-morais. Seria irresponsabilidade confiar a decisão desses somente aos especialistas da ciência ou da política. A necessidade de diálogo entre as ciências e as religiões gera responsabilidades devido ao mundo plural. As ciências e as religiões podem proporcionar um viés de convivência interativa para caminhos de humanização e questionamentos de um desenvolvimento 'bárbaro' para as realidades.

E a quinta instância da tradição, o *sensus fidelium*, o sentir dos fiéis, como uma voz que ecoa sob a ação do Espírito Santo, nas religiosidades, no fazer acontecer a piedade popular, na ação da palavra de Deus, nas assembleias litúrgicas e nas orações. Os leigos e leigas que salvam a Igreja com orações incessantes. Conforme a *Lumen Gentium* número 12 nos fala:

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27) não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis» (22), manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes (LG 12).

A religiosidade caracteriza-se pela participação do leigo, que promove e cria uma grande variedade de festas, devoções, celebrações etc. O povo sai do anonimato e torna-se sujeito principal destas festas, conforme Maria de Carvalho Soares: "A religiosidade leiga é fruto da distância, até mesmo geográfica, entre os organismos eclesiásticos e a população" (SOARES, 2000, p. 134). A oposição entre religião oficial e religiosidade popular, tão forte no passado, como no Brasil Colônia, hoje se transforma em ponto complementar, em que a religiosidade enriquece a religião.

Ao lado da religiosidade, temos o ser humano se alimentando de símbolos que impulsionam a religiosidade. Segundo Mircéa Eliade (1907-1986), romeno cientista das religiões, a importância do simbolismo demonstra o seu papel fundamental na vida de qualquer sociedade (ELIADE, 1991, p. 5).

Mas essa conversão aos diversos simbolismos não é uma "descoberta" propriamente inédita, mérito do mundo moderno: este, ao restabelecer o símbolo enquanto instrumento do conhecimento, só fez retomar uma orientação que foi geral na Europa até o século XVIII e que é conatural às outras culturas extra europeias, sejam elas "históricas" (por exemplo, as da Ásia ou da América Central) ou arcaicas e primitivas. As festas religiosas como um *sensus fidelium* estão carregadas de símbolos, roupas, imagens, comidas, músicas, promessas, procissões, cores etc.

As religiosidades, por meio de festas, danças, santos, cores e personagens apresentam possibilidades de outras visões. É uma realidade favorável ao valor das diferenças, à inclusão social de negros, de índios, de brancos, de pobres sujeitos das ações festivas e protagonistas na participação do poder. As Festas com suas reinvenções invertem os poderes, criam possibilidades de ascensão social. Também permitem a suspensão de realidades desumanas, das famílias poderosas e da discriminação social, pois todos tornam-se iguais, visto que os personagens, em sua maioria, são pessoas do povo: simples, sofridas, marcadas pela pobreza e imposições.

O Concílio Vaticano II nos ingressa no mundo da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja, dos Teólogos, do *sensum fidelium*, enfim da Tradição Católica. E o fiel — Bispos, Padres, Diáconos, Religiosos(as) e Leigos(as) — torna-se sujeito de suas próprias compreensões e incompREENsões diante dos vários documentos apresentados.

A Igreja como Povo de Deus prioriza uma imagem de Igreja de igualdades dos fiéis — Bispos, Padres, Diáconos, Religiosos(as) e leigos(as) —, uma Igreja que realça uma circularidade e não uma forma piramidal, em que o povo de Deus tem voz e vez, e que priorizar Igreja como Povo de Deus é realçar os direitos inalienáveis dos fiéis, ou seja, de todos os fiéis, apontando para a vez dos leigos e leigas, sendo protagonistas da Igreja tanto quanto o clero. Como diz no Direito Canônico, o fiel tem os seus direitos e nenhuma pessoa do clero pode negá-los. Não é à toa que no Código do Direito Canônico o tema O Povo de Deus, depois das Normas Gerais, vem em primeiro lugar. O batismo faz do povo de Deus um sacerdócio profético e régio atuante e participante do Corpo. Assim, a noção de Povo de Deus se completa com a noção de Corpo de Cristo, sob a régia da disposição da Nova Aliança em Cristo.

A Igreja deve superar a imagem de triunfalismo, de centralismo, de um monofisismo eclesiológico e ingressar no reconhecimento da aparência pobre da Igreja e a disposição no seguimento da cruz", apontando os pressupostos eclesiológicos dentro de uma cristologia que são vislumbrados na reflexão teológica da Reforma da Igreja.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Salus animarum: "salvação das almas", é o objetivo das Leis Supremas da Igreja a partir de todos os documentos do Concílio Vaticano II, e que é conforme a prática de Jesus: a salvação é para todos, numa forma inclusiva que se manifesta no amor incondicional do Filho pela criatura, à "imagem e semelhança de Deus".

Dignitatis Humanae: significa a respeito **da** Dignidade Humana, tanto a palavra *dignitatis* (*Dignitas, dignitatis*) quanto *humanae* (*humana, humanae*) estão no genitivo singular, e o caso genitivo funciona como adjunto adnominal e leva a preposição de, da, do antes da palavra.

Referências

- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 16 abr. 2021.

- _____, **Declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade religiosa**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html. Acesso em: 12 abr. 2021.
- _____, **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano: Arquivo, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 07 abr. 2021.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico, religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KNAUER, Peter. **Para compreender nossa fé**. São Paulo: Loyola, 1989.
- PERSPECTIVA TEOLÓGICA, Editorial. Aprendizes da palavra. **Revista Perspectiva Teológica** 39 (2007) p. 5-10. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/122/465/894>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- SOARES, M. C. **Devotas da cor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

► Unidade 2

Pontuação requerida: 0

Unidade 2 e suas 4 Aulas.

Tema(s):

Doutrina da Revelação

- Doutrina da Revelação

Tópicos(s):

Doutrina da Revelação - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O estudo da revelação faz parte da unidade de aprendizagem dos Fundamentos da Teologia ou Teologia Fundamental. Nesta, comprehende-se o conceito, o objeto, a natureza e a economia da revelação por meio da manifestação de Deus na história da salvação que se dá a conhecer, e como esse conhecimento ocorre, no movimento de Deus vir ao ser humano e revelar-se e mostrar-se.

A palavra revelação vem do grego *αποκαλυψις* (*apokalupsis*), substantivo feminino, e aparece 18 vezes no Novo Testamento. Outras palavras que estão ligadas ao conceito de revelação são: visão, aparição e ver. Estas aparecem com variantes de dez (10) palavras em hebraico: *Chazon*-visão, *Mareh*-aparição, *Raah*-ver e outras, sendo no Antigo Testamento (124 vezes), e três (3) palavras no Novo Testamento (20 vezes) em grego *Órama*, “coisa vista” *Órasis*, “aspecto”, “visão” *Optasía*, “aparição”. (BIBLIOTECA BÍBLICA In: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2016/06/visao-visoes-estudos-biblicos.html>). Acesso em: 30 mar. 2021).

O teólogo Christoph Theobald, alemão que vive na França, conceitua a revelação como entendimento, segredo, sinal, sintonia etc. (THEOBALD, 2006, p. 17). Esse entendimento se dá na autocomunicação de Deus com a humanidade, como ação do próprio Deus de vir ao encontro dos homens e mulheres.

O Professor Mauro Negro afirma que: "Ele próprio é a intervenção. E a Revelação é este processo. Por que Deus deseja intervir na nossa História e torná-la História de Salvação? Para darmos a possibilidade de estar com Ele e Nele (...) Revela-se então a intervenção de Deus" (NEGRO, 2009, p. 57).

Esta intervenção de Deus nos leva ao seu encontro na pessoa de Cristo, que nos possibilita sentir sua presença na criação, no outro, em si mesmo, nas relações de amor entre os seres humanos. A *Dei Verbum* nos fala: "Aprouve a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo (...)" (*DEI VERBUM*, n. 2).

Esta revelação que confirma a economia da salvação tem em Cristo a revelação por excelência que como Verbo encarnado se dá por nós para chegarmos ao conhecimento das três pessoas da Santíssima Trindade, numa relação de amor entre estas pessoas que contagia a humanidade para esta prática amorosa e de relações que salvam.

Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cfr. 2 Cor. 1,20; 3,16-4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação (*DEI VERBUM* n. 7).

Para Theobald, a revelação nos convida a ver e ter criatividade a partir de Cristo, em que a narratividade das parábolas apresenta o valor de cada cultura e como a mensagem é inculturada em outras situações e lugares, numa abertura ao novo e ao que a revelação expressa por sua beleza nas profundidades das palavras.

O gênio de Jesus não consiste apenas no fato de ter encontrado as palavras que abrem o segredo da vida; consiste em ter falado de tal maneira que outros pudessem, depois dele, arriscar sua própria palavra e inventar outras parábolas; o Novo Testamento é o traço dessa criatividade parabólica. Ele convida o leitor a comprometer-se num trabalho poético e artístico, suscetível de exercer a função de abertura das parábolas de Jesus em outras culturas (THEOBALD, 2006, p. 221s).

A *Dei Verbum* foi bem elaborada para a reflexão da revelação, pois a organicidade de seus poucos capítulos demonstra o cuidado na sua formação e apresentação. Nela, Deus é o sujeito da revelação e ao mesmo tempo objeto e fim, ele é revelador e revelado, tendo em Jesus o objeto da revelação, pois realizou a vontade do Pai, tornando-se o mediador desta revelação. A *Salus Animarum* (Salvação das Almas) é o fim e temática da revelação, pois realça o lugar da salvação para humanidade, numa pessoalidade do próprio Deus e de seu objetivo misericordioso em nos salvar, conforme nos fala no número 3 da *Dei Verbum*: "Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cfr. Jo. 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação (cfr. Rom. 1, 1-20) e deu-lhes a esperança da salvação (cfr. Gn. 3,15)".

A revelação demonstra a ligação entre as palavras e os fatos, esta ligação ocorre para a salvação no âmbito das ações de Deus para a humanidade como novidade da palavra que se abre ao humano, conforme o teólogo jesuíta: "as obras manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras. As palavras indicam o sentido autêntico das ações divinas" (LIBÂNIO, 1992, p. 386).

A revelação mostra a fé em um Deus que sai de si mesmo e vem ao encontro da humanidade, numa ética do encontro, para a própria salvação dos povos, salvação de vidas. Em Jesus, temos Deus encarnado e atualizado na economia da salvação, no mais belo encontro do divino com a sua criação. As experiências de qualidade e do valor da vida para a fé cristã estão no amor inseparável de Deus por tudo que criou, no amor à vida, na solidariedade e na vivência amorosa, como em Jesus se deu, extirpando as tendências excludentes que dizem não à vida. Conforme nos afirma Vergote: "No homem, o amor de Deus tem três dimensões essenciais: este penetra as relações com o mundo, visto como criação divina; está também centrado em Jesus Cristo; impregna finalmente a ética das relações humanas" (VERGOTE, 1999, p. 218).

A experiência do amor de Deus é um sinal de esperança em meio às trevas, é um estímulo à vida, com o que ela possa oferecer de melhor, é uma presença que vence os obstáculos, transmitindo forças aos doentes e aos feridos de tudo. É um desejo que aponta para a superação das dificuldades existenciais e para perspectivas de futuro, não numa atitude religiosa passiva e alienante, mas sim numa práxis cristã de encontro com o anúncio da vida, na luta pela vida, no encontro com aqueles que estão mais vulneráveis.

Deus vem ao encontro da humanidade para propor novo caminho de salvação que passa pela pessoa de Jesus Cristo. É o projeto de Deus tendo seu ápice no seu filho enviado para trazer mais vida, proporcionando a experiência de Deus na vida de cada ser; é o médico por excelência que quer *respeitar, defender, amar e servir a vida* dos doentes, dos fracos, dos vulneráveis, salvando o corpo e a alma, como em outro apelo: "Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos..." (Mt 10, 8).

A salvação passa primordialmente por Jesus. É uma salvação que direciona vidas para valores que deem sentido à própria existência. Para aqueles que acreditam na providência divina e que veem em Deus o sentido principal de suas vidas, ali há o redimensionamento das práticas cotidianas de relações. O ser humano não é mais visto só como um corpo, uma matéria; ele é sentido como um ser que transcende as coisas meramente corporais, é um ser que possui corpo, espírito e alma (*anima*, em latim, significa ânimo) como na trilogia judaica, um ser que se comunica com o Transcendente, recebendo deste Deus um chamado à vida.

Com esta transcendência, a vida adquire um significado de pertença a Deus, de valor eterno, é um sair de si mesmo e sentir na relação Deus-criação uma corresponsabilidade, é respeitar qualquer tipo de vida, num gesto de contemplação, agradecido por toda a beleza da própria criação, é valorizar todo o sagrado envolvido na vida de cada ser.

Tendo esta referência último Deus da vida, a revelação prioriza o valor da vida como tema imprescindível na reflexão teológica, pois distingue bem o real lugar de destaque da vida e tem uma ligação íntima com a inviolabilidade e a sacralidade, pois é um dom de Deus. Isto significa que em relação à vida, ainda estamos longe de considerar toda essa dimensão de guardada, protegida, mantida, visto que ainda hoje

presenciamos, neste mundo considerado moderno, avançado, globalizado, uma crescente prática de desvalorização da própria criação que Deus tanto se revela amoroso.

O Deus da vida traz a esperança de que é possível ultrapassar os limites das injustiças humanas e embarcar na experiência de um amor que tem fé, que acolhe e gera mais vida. Esta disposição para um futuro melhor realça a ligação da vida e esperança no dia a dia e nas perspectivas de um futuro de luzes.

Na Igreja primitiva, a ligação da esperança se dá através da fé no Cristo ressuscitado. Os cristãos diante do contexto de injustiças, falta de perspectivas de vida futura, perseguições etc. encontram forças para viver seguindo os passos de Jesus. Paulo, no seu discurso perante Agripa, relaciona esperança com a justiça e a história da promessa, numa valorização do culto: "Se sou denunciado perante a justiça é pela esperança na promessa que Deus fez aos nossos pais [...] assegurando o culto dia e noite, se trégua, esperam que se realize; é por causa desta esperança, ó rei, que eu fui acusado pelos judeus" (At 26, 6-7).

Paulo confirma a fé apostólica na ressurreição e procura dialogar em Roma, ligando razão com a história de Israel e sua postura ética: "Esta é a razão pela qual eu pedi para vos ver e conversar convosco. Na realidade, é por causa da esperança de Israel que eu carrego estas cadeias..." (At 28,20).

Esta ressurreição de Jesus proporciona forças vitais aos apóstolos, a ponto de serem presos, perseguidos e mortos. Porém, os seguidores de Cristo não se importavam com as opressões e exclusões, pois lutavam com as mentes e os corações por uma transformação que gerasse sempre vida. Estas lutas priorizavam a experiência do amor de Deus como luz do mundo, onde as sombras das injustiças e desamores fossem abolidos.

Assim, os primeiros cristãos davam a vida com fé nesta esperança de luz e praticavam a justiça, mesmo que alguns quisessem fazer da religião uma fuga da realidade ou uma acomodação: "Ouviu falar da fé no Cristo Jesus. Mas como a palestra se orientasse para a justiça..." (At 24, 24-25). Esta orientação dos apóstolos tinha a vertente da justiça, em que o amor supera as diferenças e divisões, em que a esperança vence o medo, em que a fé é sustentada pelo seguimento a Jesus.

O amor de Deus revelado em Jesus aponta para o lugar da esperança cristã, visto que o presente se torna luta diária para se concretizarem mais visíveis a revelação de um Deus que transforma as realidades presentes. E os apóstolos trocam o conformismo da vida pós-morte por levar a revelação dada por Jesus Cristo e mostrar a ação de Deus no mundo como expressão de um amor que resgata o ser humano para a salvação.

A fé e os testemunhos dos que dão suas vidas em prol dos outros gratuitamente, a misericórdia e o amor de Deus se fazem presentes, desobstruindo caminhos perdidos e retornando à esperança de uma nova terra: "O que dá testemunho destas coisas diz: sim, eu venho em breve. Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22, 20).

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Economia da Salvação: Catecismo da Igreja Católica: §66 "A Economia cristã, portanto, como aliança nova e definitiva, jamais passará, e já não há que esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo". Todavia, embora a Revelação esteja terminada, não está explicitada por completo; caberá à fé cristã captar gradualmente todo o seu alcance ao longo dos séculos.

E.2.3 Economia da criação e da salvação na oração de Jesus

§2606 Todas as misérias da humanidade de todos os tempos, escrava do pecado e da morte, todos os pedidos e intercessões na história da salvação estão recolhidos neste Grito do Verbo encarnado. Eis que o Pai os acolhe e, indo além de todas as esperanças, ouve-os, ressuscitando seu Filho. Dessa forma se realiza e se consuma o evento da oração na Economia da criação e da salvação" In: <https://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/e/economia-salvacao.html> Acesso em: 25 mar. 2021.

Inculturação da fé: Comissão Teológica Internacional n. 11. "O processo de *inculturação* pode ser definido como o esforço da Igreja para fazer penetrar da mensagem de Cristo um determinado meio sociocultural, convidando-o a crescer segundo os seus próprios valores, desde que estes sejam conciliáveis com o Evangelho. O termo *inculturação* inclui a ideia de crescimento e de enriquecimento mútuo das pessoas e dos grupos, pelo facto do encontro do Evangelho com um meio social. «A *inculturação* é a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, simultaneamente, a introdução destas culturas na vida da Igreja".

Referências

- BÍBLIA. **Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1994
- BIBLIOTECA BÍBLICA In: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2016/06/visao-visoes-estudos-biblicos.html>. Acesso em: 30 mar. 2021).
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Tema: **Economia da Criação e da Salvação**. Disponível em: <https://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/e/economia-salvacao.html>. Acesso em: 25 Mar 2021.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Fé e Inculturação**. Vaticano: Vaticano, 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html. Acesso em: 25 mar. 2021.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano: Arquivo, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 07 abr. 2021.
- GOMES, J.L.G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- LATOURELLE, René. **Teologia da revelação**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo, Loyola, 1992.
- NEGRO. Mauro. A Teologia da Revelação a partir da Escritura na Igreja: anotações de alguns pontos relativos à Teologia da Revelação segundo uma aproximação com a Escritura proclamada na Igreja e a Memória do Senhor presente na Comunidade de Fé. In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n. 68, jul-dez. 2009.
- THEOBALD, Christoph. **A Revelação**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2006.
- VERGOTE, A. **Amarás al Señor tu Dios**. La identidad cristiana. Espana: Sal Terrae, 1999.

Doutrina Trinitária de Deus

- Doutrina Trinitária de Deus

Tópicos(s):

Doutrina Trinitária de Deus - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O estudo do Deus Trinitário passa pela abertura dos teólogos do século XX, principalmente Rahner, e dos documentos emanados do Concílio Vaticano II, tendo em vista uma linguagem de uma melhor compreensão e atualização, pois, ao falar do mistério de Deus, a linguagem torna-se limitada, ainda mais que tanto a Trindade quanto a Revelação ficavam num vocabulário abstrato para nossas realidades de hoje como: "substância divina absoluta".

Nas Sagradas Escrituras, a Trindade é entendida como "autodoação", segundo Zarazaga, teólogo argentino:

O "esquecimento da Trindade" teria ido lado a lado com um descuido da dimensão salvífica da revelação. Mas a Trindade não se revela para dar a conhecer um conteúdo doutrinal, ou sua essência metafísica. Deus revela-se a si mesmo para salvar e salva entregando-se como é: Pai, Filho e Espírito Santo. A revelação é a sua autodoação (*Selbstmitteilung*) para o mundo. Rahner propõe um axioma como novo ponto de partida: "A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa". Ou seja, a Trindade que nos foi dada na história da salvação é Deus como ele é em si mesmo: Pai, Filho e Espírito Santo (ZARAZAGA, 2021, p. 1).

Com isso, o termo autodoação se torna compreensível na atualidade, a Trindade que se autodoa para reerguer a humanidade de suas vulnerabilidades: um Deus amoroso que não poupa seu Filho para nos salvar. E neste movimento de vir até nós, nos restaura e nos fortalece. E "Mesmo antes do desenvolvimento de uma doutrina propriamente trinitária, a comunidade de fé já proclamava sua fé em fórmulas triádicas e praticava o batismo como inserção e participação na vida divina, "em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (ZARAZAGA, 2021, p. 2).

Na História da Igreja, houve uma preocupação com terminologias sobre a Trindade mais abstratas e precisas, se afastando da historicidade da palavra de Deus e da prática de Jesus. Não há uma negação dos termos usados na antiguidade e idade média, e sim utilizar uma linguagem mais atual e acessível às pessoas de um novo tempo.

Doutrina Trinitária de Deus - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

Deus que se manifesta em Jesus encarnado no nosso meio e o Espírito Santo que sustenta a criação estão mais próximos da humanidade. Proximidade esta que une povos e culturas com propostas de comunhão e diálogo. A comunhão na Trindade e o cuidado com a criação como propostas de ações humanas ao falar das três Pessoas da Trindade contagia o mundo.

A manifestação de Jesus incita para a prática e a experiência do amor de Deus, tendo em vista o seu reino, que vai contra toda forma de exclusão, abandono e desumanidades. É sentir que na mensagem evangélica existe salvação e luzes para todos. Esta vontade de observar a vida de Jesus e relacioná-la com a esperança de um futuro melhor é expressado nos próprios clamores de Jesus, quando por ocasião de sua morte: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23, 46). É um grito na morte que se torna vida eterna, é uma derrota que vira vitória, é um sofrimento que traz libertação, pois a ressurreição vem trazer o advento do reino, fortalecendo os clamores dos antepassados e dos que virão no futuro.

A morte de Jesus adquire uma manifestação da obediência do Filho ao Pai, numa relação de amor, Jesus vai ao encontro da morte por amor à humanidade pela sua salvação, pois sua morte foi de aceitação do sofrimento em meio a sua cruz de estar querendo a vida na alteridade.

A cruz, o sofrimento, considerados em si mesmos, não são salvadores. A paixão e a cruz de Jesus, separadas de sua vida e da sua ressurreição, não têm caráter salvador. A cruz de Jesus Cristo, na fé do novo testamento, tem sentido salvífico na medida em que resume, concentra, radicaliza, condensa o significado de uma vida, entregue ao Pai e ao serviço aos irmãos. É a qualidade de vida vivida por Jesus Cristo, incluindo sua morte e ressurreição, que é salvadora (RUBIO, p. 35).

É uma morte que brota uma transformação nas relações, pois Jesus não quer o sofrimento e a morte, visto que a criação é para a glória de Deus e a felicidade humana. Com isso, a ideia do sofrimento como causa para uma vida eterna, só tem sentido quando usada na solidariedade com os vulneráveis e miseráveis de tudo, e também na entrega a Deus; aí sim a morte adquire o significado de vida, pois gera mais vida.

A vida-morte-ressurreição de Jesus abre a fé na esperança de lugares (*tópos*) que existem e que se realizam como experiências do amor de Deus e ao próximo, pois a força da ressurreição transfigura a realidade humana e a torna capaz de vislumbrar o Reino de Deus.

Jesus olhou para todos e mostrou sua total liberdade na ação. O sentido de sua cruz não foi desvirtuado por ideologias diversas, nem do caminho do encontro e do amor. Jesus mostra o que é bondoso aos olhos de Deus e faz cada ser refletir sobre a debilidade que caracteriza a liberdade finita e limitada do homem. Esta liberdade vai amadurecendo e se tornando responsável à medida que o ser, seguindo as ações de Jesus, entra em comunhão com Deus sob a ação do Espírito Santo, numa atitude de um chamado a viver o bem maior que é o amor.

A conversão é um convite feito por Jesus: pode voltar para Deus, você será acolhida. A boa nova é inclusão e não obrigação, é esperança de poder retomar a dignidade que estava faltando. Jesus chama para o retorno livremente e sem imposições ou medo. A boa notícia de Cristo oferece a esperança como graça e salvação e não como uma ameaça.

Os princípios de amor e de justiça são manifestados na pessoa, na vida e na atuação de Cristo. As leis abstratas não vão determinar a experiência da reconciliação, esta vem como consequência do amor de Jesus. O amor ao próximo faz opção pelos pobres. Jesus deseja que o amor entre a humanidade seja como Ele e o Pai, numa comum união, ingressando na reconciliação de uns com os outros.

A esperança e a alegria são atitudes de pessoas que respondem aos seus anseios frente às contradições vividas nas relações consigo, com os outros e com as instituições. A fé cristã tem atitudes de reencontros libertadores. Jesus reergue as mulheres excluídas que antes estavam fadadas ao medo e às ameaças impositivas, agora libertadas para a convivência

O amor de Cristo impulsiona três atitudes fundamentais: de fidelidade a Deus, de misericórdia com o próximo e de justiça social (Mt 23,23). Amar a Deus e ao próximo é inseparável da dimensão social.

Jesus ao invés de propor respostas e soluções, aponta critérios e caminhos de discernimento. A graça precede à lei e a prática é o seguimento de Cristo. Perdoar a si mesmo para poder perdoar tem a ação do

Espírito Santo. A abertura a Deus leva à possibilidade da prática do perdão e na construção de uma sociedade reconciliada.

Com o Espírito Santo temos o desejo pela vida mais atuante e somos mais sensibilizados para a prática do amor, amor este pela humanidade, amor pela natureza, amor por toda a criação. A experiência de Pentecostes traz um desejo de elevar a criação de Deus, que se encontra em momentos de sombras e de luzes, à condição de equidade (GOMES, 2003).

A criação vai se sustentando graças à atuação do Espírito, pois os clamores de tantos povos pedem um novo nascimento de novos modos de cuidados com a terra e com os seres. Cuidados que necessitam de uma participação maior daqueles que têm uma espiritualidade de escuta dos gemidos das próprias palavras.

As palavras são vivificadas pela força do Espírito e dão um novo sentido para os que têm sensibilidade e querem ouvir os clamores dos povos. Por isso, somos movidos para esse Deus apaixonado que nos chama a corresponsabilidade na Criação, fazendo com que aqueles que desejam mais vida, sejam impulsionados para o amor, para a comunhão, para a ação.

Nesta ação, o Espírito Santo impulsiona cada ser a ter também esse desejo de apaixonar-se pelas criaturas, principalmente aquelas que estão em situações de extrema vulnerabilidade, seja pela fome, seja pela morte, seja pela doença ou outra realidade difícil. O fato é que o resgate pelo desejo desta paixão renovadora pode salvar seres humanos e a própria preservação da terra para aqueles que nascerão.

Daí que a frase “E renovas a face da terra” vai ecoando e vai mobilizando aqueles que sentem e vivem a presença do Espírito em suas vidas. É um chamado à vida, reconhecendo-a como um dom de Deus que impulsiona os seres à prática de amor e de justiça. Justiça com os homens e mulheres, justiça com toda a criação.

Por vivermos numa realidade de grandes diferenças sociais, de fome, de pandemias etc. falar de um Deus amoroso que vai ao encontro da humanidade, num gesto de comunhão e solidariedade, diz muito para o ser humano e comunica o valor de cada criatura num mundo plural que pode ter unidade como a Trindade. A abertura da autocomunicação de Deus às criaturas, como experiência de um Filho que se encarna e se revela como experiência de nos salvar, nos aproxima muito mais da Trindade, numa linguagem simples de reconstrução do reino de Deus sob a ação do Espírito Santo que distribui seus dons para a criação renovada (GOMES, 2003).

O “renovar a face da terra” através do Espírito Santo em comunhão com o Pai, faz que a teologia atual se preocupe com a ecologia, com as gerações futuras, conforme afirma o teólogo reformado alemão e pastor, que é Professor Emérito de Teologia Sistemática na Universidade de Tübingen, Jürgen Moltmann:

Há, contudo, uma compreensão ecológica mais profunda da criação: o Criador não é apenas exterior à sua criação, mas está também interiormente ligado a ela: a criação está em Deus, e Deus está na criação. Segundo a doutrina cristã original, o ato criador é um evento trinitário: Deus Pai cria o mundo através da sua palavra eterna na força do Espírito Santo. O mundo não é uma realidade divina, mas sim permeada por Deus. Se todas as coisas são criadas por Deus, através de Deus Filho e em Deus Espírito Santo, então elas também são de Deus, através de Deus e em Deus (MOLTMANN, 2012).

Com esta mudança na maneira de falar sobre a doutrina trinitária, há um apreço ao Concílio Vaticano II e ao teólogo Karl Rahner, que não só atualizaram este tratado da Trindade, como também proporcionaram uma abertura para falar desta ação trinitária, numa linguagem que favorece o diálogo e inclui as ações do Pai e do Filho e do Espírito Santo como autocomunicação que espalha atuações favoráveis à vida humana e do planeta, como cuidados por Deus, numa Trindade que inflama com exemplos de comunhão e amor com a toda a criação: "Quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (1Jo 4, 16)".

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Autodoação: viver a experiência do Deus Trino implica saber **conviver**; fomos feitos para o encontro e para doar-se ao outro e à criação. Estamos, portanto, falando de uma única realidade que é **a autodoação**.

Autocomunicação: a **Trindade** é a graça de Deus que se expressa na vida da humanidade e se comunica a partir de Cristo; é o Amor mútuo, a comunhão pessoal, de Palavra (Filho) e de Afeto (Espírito Santo) que sustenta as relações entre os seres humanos. Assim é a Trindade na terra: quando todos compartilham a vida e se amam. É a Trindade se autocomunicando, é a graça atuando.

Karl Josef Erich Rahner: foi um sacerdote católico jesuítico alemão e um dos mais influentes teólogos do século XX. Para muitos especialistas, sua teologia marca a entrada da Igreja Católica na modernidade (1904-1984).

Referências

- BÍBLIA. **Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1994
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano: Arquivo, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 07 abr. 2021.
- GOMES, J.L.G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- _____, **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas**. Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- MOLTMANN, Jürgen. Deus e o mundo: a doutrina trinitária da criação. In: **Revista IHU online**, 24 maio 2012. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/509799-deus-e-o-mundo-a-doutrina-trinitaria-da-criacao-artigo-de-juergen-moltmann. Acesso em: 25 Mar 2021.
- RUBIO, A. G., O cristianismo: uma religião de sofrimento e morte? **Atualidade Teológica**, v. 1, n. 2, p. 19-52, jan-jun. 1998.
- SEGUNDO, Juan Luis. **O dogma que liberta**: fé, revelação e magistério dogmático. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Pensamento Teológico).
- ZARAZAGA, Gonçalo. A comunhão Trinitária. In: **Theologica Latinoamericana**. Enciclopédia Digital. FAJE: Belo Horizonte. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1250> Acesso em: 25 mar. 2021.

Atributos de Deus

- Atributos de Deus

Tópicos(s):

Atributos de Deus

Tipo: **Conteúdo**

Ao nos depararmos sobre os atributos de Deus observamos algumas divisões que ocorrem para compreendermos: comunicáveis e não comunicáveis; morais e naturais. As não comunicáveis ou naturais são: onipresença, onisciência, onipotência, unidade, infinitude e imutabilidade; as comunicáveis ou morais: santidade, amor, justiça, relação entre santidade e amor (FREITAS, 2016, p.7-8).

Deus recebe estes atributos: como onipresença, pois Deus age como pensa; como onisciência, pois sabe de todas as coisas, visto que para ele tudo é presente, não há passado e nem futuro; como onipotência, pois há um único Deus e único poder; como unidade, pois em Deus há unidade em três pessoas; como infinitude, pois Deus é infinito; imutabilidade, pois em Deus não há nenhuma mudança, é sempre Espírito perfeíssimo e bondade infinita (FREITAS, 2016, p. 8).

Com relação aos atributos comunicáveis ou morais: a santidade é a soma de todas as qualidades e é também motivo de esperança; a justiça é de direito; o amor é Deus dando-se de si mesmo e do melhor; e a relação entre santidade e amor, é a intimidade de Deus misturado ao desejo de dar-se. Esses atributos realçam a autorrelação amorosa de Deus que vem ao encontro unitivo e de suma bondade. (FREITAS, 2016, p. 8).

Diante destes atributos, a soberania de Deus transparece e transborda de graças e ações amorosas de um Deus que respeita a autonomia humana, mas não deixa de ir ao seu encontro para a salvação das almas e ao mesmo tempo demonstra a suma liberdade de Deus no seu agir em comunhão com o Filho e o Espírito Santo, numa autocomunicação de Si mesmo, revelando-se autodoador de ações que vislumbram o único poder real.

O Novo Testamento apresenta a tríplice manifestação de Deus e manifesta seu modo triuno de existir no fato de que o Pai é reconhecido como Deus, Jesus é reconhecido como Deus e possui os seus atributos (amor, santidade, eternidade, onipresença e onipotência), o que também acontece com o Espírito Santo – é reconhecido como Deus e possui os mesmos atributos de Deus. Entretanto, apesar desse fato, as três pessoas são distintas (FREITAS, 2016, p. 10).



Nas escrituras, aparece Deus como bom de Deus. Santo Tomás de Aquino nos fala da perfeição, dividindo entre atributos positivos e negativos. Os atributos negativos se dão através das criaturas que não possuem imutabilidade, eternidade e unidade. Os conhecimentos afirmativos de Deus que são positivos, são aplicados a Deus de forma positiva, mas aplicados a Deus de forma negativa.

No Evangelho de São Lucas, temos uma grande afirmação de perspectivas possíveis dos atributos morais de Deus, mesmo para realidades que sejam vistas como difíceis. Para tal, é necessária a fé num Deus ilimitado e infinito (atributos de Deus naturais) onde “nada é impossível” (Lc 1, 37) e que resgata o ser humano de uma vida indigna e humilhante para a condição de “imagem e semelhança” deste Deus da vida (GOMES, 2003).

Os atributos morais de Deus trazem a experiência do amor, da justiça e da santidade como um sinal de esperança em meio às trevas, é um estímulo à vida, com o que ela possa oferecer de melhor, é uma presença que vence os obstáculos, transmitindo forças aos que tem fé num Deus ilimitado. É um desejo que aponta para a superação das dificuldades existenciais e para perspectivas de futuro, não numa atitude religiosa passiva e alienante, mas sim numa práxis cristã de encontro com o anúncio da vida, na luta pela vida, no encontro com aqueles que estão caídos à espera de serem reerguidos.

Um encontro de amor, que eleve as criaturas à qualidade de pessoa humana como filhos e filhas de um mesmo Pai, e, portanto, com os mesmos direitos às luzes da vida, como nos urge o Concílio Vaticano II para práticas urgentes e “que cada um respeite o próximo como ‘outro eu’, sem excetuar nenhum, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente...” (GAUDIUM ET SPES, n. 27).

Glossário e Referências

Tipo: Conteúdo

GLOSSÁRIO:

Avanço biotecnocientífico – é uma evolução da biologia, da técnica e das ciências.

Referências

- AMBITO JURÍDICO. Revista. **A existência e a essência de Deus na filosofia de Tomás de Aquino**, 2014. In: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14784. Acesso: 25 Mar 2021.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**: Teologia – Deus – Trindade. São Paulo: Loyola, 2001. (V. I, Questões 1-43).
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. 12ª ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

- LOPES, Tiago de Freitas. **Reavaliação Da Concepção De Deus A Partir Da Hermenêutica Pública De Jürgen Moltmann**, 2016. Disponível em: <http://periodicos.redebatista.edu.br/index.php/DP/article/download/74/57> Acesso em: 25 Mar 2021.
- MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Vozes: Petrópolis, 2000.
- ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucris, 1997. (Coleção de Filosofia – 61).

Considerações sobre a Dei Verbum

- Considerações sobre a Dei Verbum

Tópicos(s):

Considerações sobre a Dei Verbum - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

A *Dei Verbum* é uma constituição dogmática que foi proclamada no dia 18 de novembro de 1965, como uma das constituições fruto do Concílio Vaticano II (1962-1965). Está incluída no rol das constituições, que na pirâmide de Kelsen, no direito, a constituição é a norma maior de uma instituição, de um país.

A *Dei Verbum* é composta por seis capítulos e vinte e seis números sobre normas da Palavra de Deus, conforme sua tradução: *Dei* (genitivo singular em latim), de Deus e *Verbum*, significando Palavra, Verbo, Estudo, Ciência.

Intenção do Concílio: O sagrado Concílio, ouvindo religiosamente a Palavra de Deus proclamando-a com confiança, faz suas as palavras de S. João: «anunciamos-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamos-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão connosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1 Jo. 1, 2-3). Por isso, segundo os Concílios Tridentino e Vaticano I, entende propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, para que o mundo inteiro, ouvindo, acredite na mensagem da salvação, acreditando espere, e esperando ame (*DEI VERBUM*, n. 1).

Para elaborar este documento, houve muitas discussões e tendo quatro redações. Os movimentos de renovação litúrgica, bíblica e teológica incentivaram as mudanças nos estudos das Escrituras Sagradas e sua metodologia. Neste documento, há reflexões sobre as fontes da revelação, seus métodos, a tradição, exegese bíblica, inspiração da Palavra de Deus e como interpretar os escritos da Bíblia.

A recepção da *Dei Verbum* e demais documentos teve no Brasil e na América Latina, grandes repercussões e incentivos. Diante de vários acontecimentos, o Concílio Vaticano II nos convida a olharmos depois de tantos anos, se estamos caminhando para o planejado ou se estamos precisando de novos rumos para a prática da fé.

Condescendência de Deus: Portanto, na Sagrada Escritura, salvas sempre a verdade e a santidade de Deus, manifesta-se a admirável «condescendência» da eterna sabedoria, «para conhecermos a inefável benignidade de Deus e com quanta acomodação Ele falou, tomando providência e cuidado da nossa natureza» (11). As palavras de Deus com efeito, expressas por línguas humanas, tornaram-se intimamente semelhantes à linguagem humana, como outrora o Verbo do eterno Pai se assemelhou aos homens tomando a carne da fraqueza humana (DEI VERBUM n. 13).

Assim, a reflexão teológica com estes documentos se volta para uma permanente renovação de perspectivas, ao refinamento de conceitos e à retificação de formulações, fazendo surgir novas linguagens teológicas, favorecendo a diferença e escutando as opiniões de vários teólogos e bispos do mundo inteiro.

A questão da recepção é de índole interdisciplinar com as suas delimitações e precisa ser vista através de dois pontos: 1º Os fundamentos teológicos comuns e; 2º Os princípios epistemológicos a partir de uma sã hermenêutica. O vocábulo latino *receptio* e *recipere* significa acolher e aceitar algo que se considera um bem para si. Na palavra de Deus, há o ponto de vista que o homem está para Deus e os demais seres humanos; e a autocomunicação de Deus para com as pessoas com a culminância em Cristo no Espírito Santo.

Com isso, a recepção não é uma aceitação de normas de forma passiva ou de obediência por parte de quem recebe, e sim requer três processos, e aqui entra a concepção jurídica, sem entrar no jurisdicismo, conforme Antón: 1. Como objeto são aplicáveis à recepção: a Palavra de Deus, o depósito da fé, as práticas litúrgicas e sacramentais, as normas éticas, decisões disciplinares etc. 2. Como sujeito da recepção: o Corpo Eclesial (Igreja Universal, Igrejas Locais e Regionais, grupos e comunidades eclesiás; 3. As formas eclesiás entre si em comunhão (ANTÓN, 1996, p. 62).

Para Beozzo, a recepção “que, lutando contra inevitáveis inéncias, é feita — como deve ser toda autêntica acolhida — de fidelidades e criatividade (...), supõe certa alteridade...”, esta alteridade é atualizada no contexto latino-americano, porém, a partir do mundo europeu onde se deu o Concílio. Beozzo aponta para as inéncias que podem ser percebidas como incompREENsões, vistas que há ainda um certo pessimismo diante da atualidade que após quase 60 anos de Concílio, temos aqueles que acreditam no avanço da Igreja, outros que veem como não tão avançado assim e outros que veem como retrocesso — os mais conservadores (BEOZZO, 1985, p. 18).

O fato é que há uma oscilação entre compREENSões que podem ser vistas como uma recepção atualizada, expressando uma liberdade de ambas as partes, tanto do que transmite as normas, quanto no que recebe estas normas, inseridos numa comunidade específica de uma Igreja Particular como uma porção de todo o Povo de Deus. E as incompREENSões vistas como um eurocentrismo, afirmado por alguns teólogos latino-americanos e outros veem como retrocesso, atestado pelos mais conservadores. Tudo isto pode ser revisto quando se faz presente o diálogo.

Este diálogo se torna emergente quando nos deparamos com esta oscilação, pois a ação do Espírito Santo nas comunidades faz indicar uma esperança de atualização dos documentos do Concílio Vaticano II que as próprias Conferências Episcopais procuraram fazer. E os pressupostos teológicos da recepção trazem à tona possibilidades de novas visões e como o conceito de “Povo de Deus” pode ajudar a melhorar esta recepção.

No Brasil e América Latina, a Conferência Episcopal Latino-americana reunida em Medellín, em 1968, realizou a recepção do Concílio, numa linguagem criativa a partir de uma releitura continental marcada pelas injustiças sociais. Medellin vai apresentar a compreensão da revelação como uma autocomunicação de Deus, a partir do caráter histórico desta revelação, resgatando a dignidade do ser humano.

Com isso, a *Dei Verbum* possibilita uma nova hermenêutica da revelação divina, visando valorizar os direitos fundamentais como forma de compreender o reerguimento do ser humano das margens da miséria e da fome, como criatura de Deus que precisa se alimentar da palavra de Deus para manter a esperança cristã de viver com dignidade.

Interpretação da Sagrada Escritura: Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprovou a Deus manifestar por meio das suas palavras. Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, os «géneros literários». Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de géneros histéricos, proféticos, poéticos ou outros. Importa, além disso, que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de facto exprimiu servindo-se os géneros literários então usados. Com efeito, para entender retamente o que autor sagrado quis afirmar, deve atender-se convenientemente, quer aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, quer àqueles que costumavam empregar-se frequentemente nas relações entre os homens de então (*DEI VERBUM*, n. 12).

O pensar teológico na América Latina parte de uma realidade que cada fiel está inserido e que precisa ser libertado integralmente. O ato de crer nos leva para reflexões incultradas, onde o fiel terá experiências íntimas e comunitárias. A densidade na reflexão teológica se dará quando o teólogo ingressar na realidade da vida latino-americana do dia a dia, em que se mergulha na dor, na angústia e na esperança, conforme as próprias palavras do Concílio Vaticano II. Aí, sim haverá este tão esperado encontro com o Outro, sendo este outro aquele que precisa se tornar digno e amado por Deus.

Com as várias situações históricas, a esperança vai se entrelaçando com a vida, vida dos povos, vida dos pobres, vida do dia a dia. Vida que propõem novos serviços que com certeza vão ultrapassar os limites humanos e atingir o que “as nações esperarão no seu nome” (Mt 12,21). Nome que retoma o passado na construção de um futuro de bem-aventuranças, onde os “que têm fome e sede de justiça” (Mt 5, 6-21) sejam saciados e chamados a uma história de salvação, numa participação solidária e comunitária na esperança que se volta ao Deus que vem.

Na reflexão das sagradas escrituras, as palavras de Jesus no Evangelho de Mateus, “Ide, pois; a todas as nações e fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), fazem

eco ao envio à prática da boa notícia, no anúncio de um Deus apaixonado pela vida. Um Deus que age com amor e multiplica essa ação através dos discípulos.

Os discípulos de Jesus ressuscitado são enviados com a força do Espírito Santo, para uma mobilização de novidade e restauração do sentido da vida. Com isso, a missão dos seguidores de Jesus vai espalhar consolação e ânimo aos que precisam de coragem para viver.

A missão se torna uma incansável luta, desejando reerguer os que estão prestes a morrer, numa espiritualidade que leva a vigilância através do *ora et labora* (orar e trabalhar), fazendo renascer luzes das sombras, transformando vidas resgatadas das realidades de morte, buscando no clamor profundo da alma, a visão de preservação da criação e um novo nascimento para que o resgate do encontro com Deus e com a alteridade seja real.

Assim, o valor da palavra de Deus se torna novidade, que através de novas interpretações adquire na prática a espiritualidade do movimento de Deus incansável de ir ao encontro da humanidade para mostrar o valor da vida humana indestrutível, onde as forças que causam sombras não poderão abatê-la e a presença do Espírito que “renova a face da terra” mobiliza mentes e corações.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Kelsen: Hans Kelsen foi um jurista e filósofo austríaco. No ocidente, especialmente nos países europeus e latino-americanos, é considerado um dos mais importantes e influentes estudiosos do Direito. A pirâmide de Kelsen é uma teoria criada por ele, e está baseada no princípio da hierarquia existente entre as normas legais, atribuindo ao topo dessa pirâmide a norma maior, que é a Constituição Federal, seguida das Leis Complementares e assim por diante.

Referências

- ANTÓN, A. La “recepción” em La Iglesia y eclesiología (I): sus fundamentos teológicos y procesos en acción desde la epistemología teológica y eclesiología sistemática. **Gregorianum**, Roma, v. 3, n. 77, p. 57-96, 1996.
- BEOZZO, J.O. (Org.) **O Vaticano II e a Igreja Latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano: Arquivo, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 07 abr. 2021.
- RIBEIRO, A. Vale. **A superação da doutrina das “duas fontes”**. Revista de Cultura Teológica, v. 16, n. 64, p. 47-73, jul-set. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/15519/11595>. Acesso em: 11 abr. 2021.

► Unidade 3

Pontuação requerida: **0**

Tema(s):

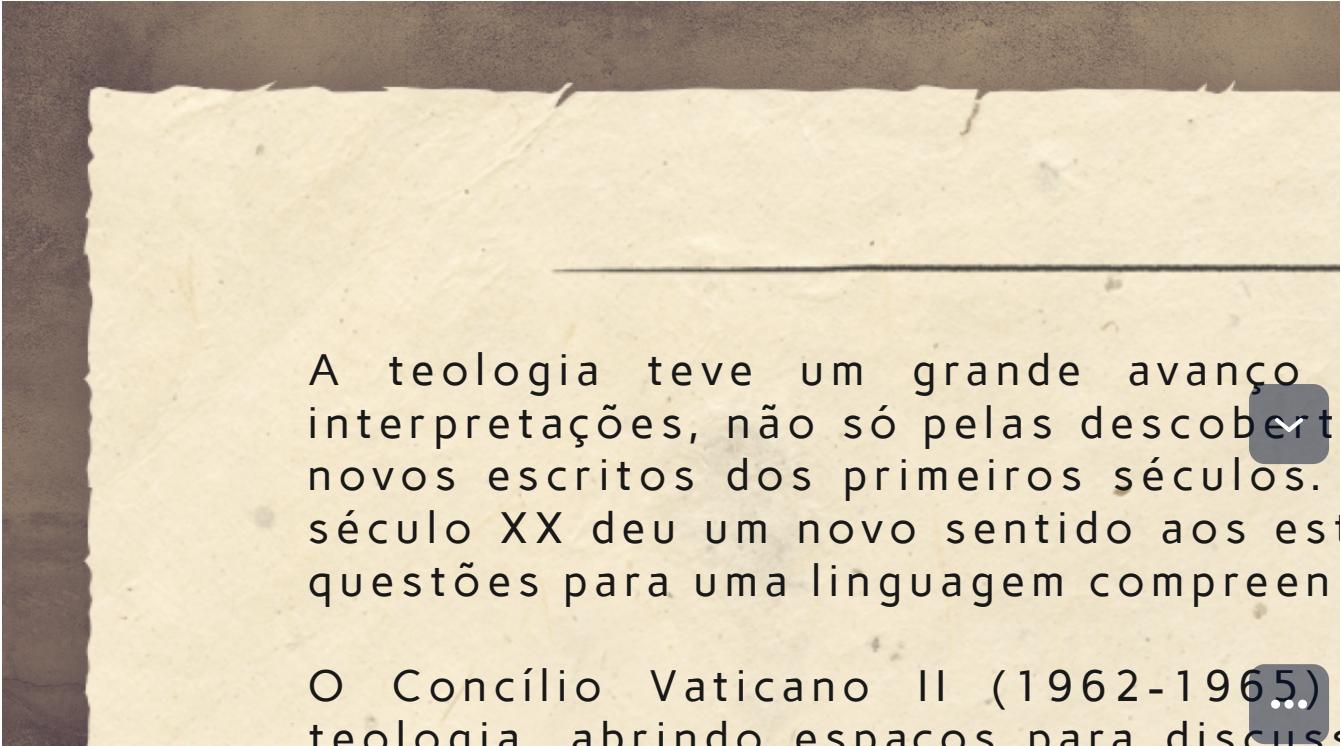
Teologia e senso crítico

- Teologia e senso crítico

Tópicos(s):

Teologia e senso crítico

Tipo: Conteúdo



A teologia teve um grande avanço interpretações, não só pelas descobertas novos escritos dos primeiros séculos. século XX deu um novo sentido aos estes questões para uma linguagem compreensiva.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) trouxe uma nova perspectiva teológica, abrindo espaços para discussões mais abertas e inclusivas.

Conforme a teóloga Maria Clara Bingemer afirma:

Em se tratando de verdadeira teologia, portanto, a razão tem cidadania, porém uma cidadania que se sabe e se deseja mesmo, auxiliar, segunda, servidora. Ao ousar debruçar-se e refletir sobre o mistério que, graciosamente, se revela a si mesmo, a orgulhosa razão que a modernidade erigiu em protagonista definitiva, que chegou ao extremo de tornar-se instrumental e pretender de tudo dar conta, não tem outro caminho senão o da *vulnerabilidade*, que se dispõe a ser incessantemente desconstruída e instaurada pela revelação do mistério que sempre a ultrapassa (BINGEMER, 1993, p. 72).

O olhar da teologia para os mais fragilizados e feridos tem destaque nas Sagradas Escrituras e o senso crítico frente às vulnerabilidades humanas toma atitudes. Jesus, em sua vida pública, zelava e se solidarizava com os golpeados em sua dignidade: “Felizes, vós, os pobres, o Reino de Deus é vosso” (Lc 6, 20). Jesus inverte a lógica social e proclama a soberania de Deus sobre todos os poderes humanos, salvando os

excluídos: “(...) os cegos recobram a vista e os coxos andam direito, os leprosos são purificados e o surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres” (Mt 11,5). O incentivo à solidariedade questiona a vida para si mesmo e leva cada um ao encontro do pobre, num ato de partilha: “Mas Zaqueu adiantando-se disse ao Senhor: ‘pois bem, Senhor, eu reparto aos pobres a metade dos meus bens’” (Lc 19,8).

No olhar para os vários doentes, Jesus acredita na mudança de mentalidade e demonstra o amor ilimitado com a comunicação das palavras de cura: ao paralítico – “Eu te digo, levanta-te, apanha a tua padiola e vai para casa” (Lc 5, 24); aoleproso – “Eu quero sê purificado, e, no mesmo instante, a lepra o deixou” (Lc 5,13); ao homem de mão paralisada, demonstrando que a saúde também está acima de questões religiosas — “‘Estende a mão’. Ele o fez, e sua mão ficou em perfeitas condições” (Lc 6,10); ao escravo do centurião — “E ao chegarem de volta, os enviados encontraram o escravo em boa saúde” (Lc 7,10) (GOMES, 2003).

O senso crítico presente na teologia contemporânea observa que a prática cristã se complementa com a reflexão teológica e vice-versa. As formulações teológicas são permeadas da experiência de uma prática voltada realmente para a salvação de todos, principalmente os pobres. É uma salvação que se insere na história dos povos e povos sofridos. O olhar e o lugar teológicos se fazem presentes primordialmente em defesa dos vulneráveis. É aí que as atenções e as práticas teológicas estão voltadas.

Contudo, o teólogo deve observar que há metodologias que partem da prática para depois escrever e refletir teologia; e há os que pensam que podem partir da teoria teológica, mesmo sem uma prática. São pontos de vistas diferentes que levam a reflexões possíveis de diálogo.

A teologia vem justamente refletir dentre outros estudos teóricos, sobre a prioridade das questões sociais que geram consequências de todos os tipos de abandono, inclusive de doenças. Questões emergentes apontam para resoluções rápidas: como se viver com uma justiça mais equitativa que favoreça a vida de milhões de excluídos? Que caminhos de diálogo e de práticas podem ser tomados para uma melhor qualidade de vida mundial? Como transmitir esperança aos que se encontram em situações de total desamparo? Como levar saúde em realidades, onde assuntos básicos e sociais deveriam ser tratados primeiramente? (GOMES, 2003).

Preocupações que levem em consideração a alteridade, e alteridade vulnerável colocam a teologia diante de critérios e ações imediatas de produção e conscientização de estudos teológicos mais voltados para essas realidades. Só que muitas reflexões teológicas fazem produções num nível teórico, longe da vida prática, com preocupações que muitas vezes deixam escapar os vulneráveis, os doentes, priorizando outras questões. São visões diferentes e que podem ser questionadas diante de realidades preocupantes e emergentes.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Eclesialidade: o termo *ekklesía* é usado no Novo Testamento para significar a comunidade local (este é o sentido do termo na imensa maioria dos casos), somado a Igreja universal e a assembleia cultural. Estes três contextos (Igreja Universal, Igreja Local e Igreja que celebra) dão o real sentido para eclesialidade. A Igreja universal, que é una e única, torna-se visível, existe e realiza-se historicamente, na Igreja local em

comunhão, e esta adquire seu grau máximo de densidade como Igreja na assembleia cultural (oração e participação nas celebrações).

Vulneráveis: são pessoas relativa ou absolutamente incapazes de proteger seus próprios interesses. De modo mais formal, podem ter poder, inteligência, educação, recursos e forças insuficientes ou outros atributos necessários à proteção de seus interesses.

Alteridade: *Alter* no latim significa outro, é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o ser humano social interage e é interdependente do outro. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro.

Referências

- BINGEMER, M. C. L. **Alteridade e vulnerabilidade.** Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. **Após a catástrofe, qual é a boa notícia?** 2020. Disponível em: <https://observatoriodelaevangelizacao.wordpress.com/2020/12/16/apos-a-catastrofe-qual-e-a-boa-noticia-com-a-palavra-a-teologa-maria-clara-bingemer/>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- _____. O rosto feminino de Deus. In: **Revista Humanitas da Unisinos**. Edição 248, 2007. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade:** por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

Teologia na América Latina

- Teologia na América Latina

Tópicos(s):

Teologia na América Latina - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

A teologia da América Latina tem suas bases em duas reuniões importantes da Igreja Católica na década de 1960: o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) e a Conferência Episcopal Latino-americana em Medellin (1968). Esta teologia valoriza a "opção preferencial pelos pobres", significando uma transformação das realidades vulneráveis acentuadas em prol da dignidade humana como criaturas de Deus.

Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano e sacerdote dominicano, ressalta que "A verdade que liberta é o próprio Jesus" e que a missão da Igreja é "comunicar e dar testemunho dessa libertação total do ser humano". O autor fundamenta-se nas mudanças ocorridas a partir do Concílio Vaticano II:

Bens como a dignidade humana, a comunhão fraterna e a liberdade, frutos da natureza e do trabalho humano, depois de difundidos na terra segundo o mandamento do Senhor e no seu Espírito, serão reencontrados, purificados de toda mancha, iluminados e transfigurados quando Cristo entregar ao Pai o seu reino eterno e universal: 'reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça,

de amor e de paz" (GS, n. 39). O reino, misteriosamente presente na terra, chegará à consumação com a vinda do Senhor (GUTIÉRREZ, 2000, p.175).

O autor sinaliza para a prática da teologia voltada para um diálogo diferenciado da Igreja com o mundo. Neste mundo estão as reais situações de vulnerabilidades que o povo vive, retomando as próprias práticas de Cristo, como Aquele que demonstrou uma ligação forte de experiências para o 'reerguimento' da humanidade. Essa reconstrução se daria através de pastorais e reflexões teológicas que atualizariam as necessidades do mundo como uma evangelização libertadora, reforçada por Medellín e a Teologia Latino-americana (GOMES, 2016).

Gutierrez afirma que Medellín apresenta uma Igreja com rosto do pobre, missionária e pascal, como exigência de práticas comprometidas com mudanças de libertação das misérias humanas.

O Vaticano II referiu-se a esse profundo e exigente tema evangélico, e Medellín fez dele tema central. Nesse contexto situa-se a opção preferencial pelos pobres que inspira seus textos principais. Essa perspectiva marcou profundamente a vida da Igreja na América Latina nestes anos. Muitas experiências e compromissos procuraram tornar realidades essa proclamação da mensagem aos mais deserdados. Nesse caminho, a Igreja encontrou a profunda aspiração à libertação dos pobres do continente (GUTIERREZ, 2000, p. 182-183).

Gustavo Gutiérrez reflete temas entrelaçados de teologia, ética da vida e religião. Partindo da teologia como uma função eclesial, não nos voltamos para uma ideologia em si, mas sim para o pensamento do fiel, que ele tenha uma consciência crítica frente às realidades histórico-sociais e políticas do seu tempo, a partir de uma leitura da palavra de Deus engajada.

Gutiérrez, citando o papa João Paulo II, no discurso inaugural em Santo Domingo confirma que: "A teologia é uma tarefa que se realiza numa Igreja convocada pela palavra de Deus. Daí, 'do interior da Igreja', se anuncia a verdade que liberta (Jo 8, 32), a salvação em Jesus Cristo, e se realiza a reflexão teológica" (GUTIERREZ, 2008, p. 30).

A reflexão teológica deve se voltar para uma permanente "renovação de perspectivas, ao refinamento de conceitos e à retificação de formulações", fazendo surgir novas linguagens teológicas, favorecendo a diferença e escutando as opiniões que divergem. São atitudes que fazem parte da teologia latino-americana para o anúncio da "nova evangelização", da "promoção humana" e da "evangelização inculturada", proporcionando pistas a partir desta realidade, a partir da "opção pelos pobres" (GUTIERREZ, 2008, p. 30).

Teologia na América Latina - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

O pensar teológico na América Latina está apoiado na realidade que cada fiel está inserido e que precisa ser libertado integralmente. O ato de crer se estende nas reflexões inculturadas, em que o fiel terá experiências

íntimas e comunitárias.

A fé exige relações entre pessoas, visto que é um dom. A oração é uma forma de expressar o mistério de Deus entre as pessoas como mútua solidariedade na união da celebração. Daí, a prática do silêncio. A linguagem e as expressões comunicativas transmitem aos outros o sentido do agir cristão: comunhão com Deus, comunhão entre as pessoas.

O mistério de Deus dever ser acolhido na oração e na solidariedade humana; é o momento do silêncio e da prática. Dentro dele, e somente ali, surgirão a linguagem e as categorias necessárias para transmitir a outros, para entrar em comunicação, no sentido etimológico do termo: em comunhão com eles, é o momento de falar.

A densidade na reflexão teológica se dará quando o teólogo ingressar na realidade da vida latino-americana do dia a dia, onde se mergulha na dor, na angústia e na esperança, conforme as próprias palavras do Concílio Vaticano II. Aí, sim haverá esta tão esperada *densidade*.

Gutiérrez cita dois autores que ingressaram no mundo de sofrimento do povo marginalizado, o inca peruano Felipe Guaman Poma de Ayala (1550-1616) e o escritor e antropólogo peruano José María Arguedas (1911-1969). Guamán — “Deus meu, onde estás? Não me ouves? E o esperado reconhecimento, no entanto, da presença de Deus nos abandonados e maltratados deste mundo”, que andou “por 30 anos e meio em meio aos índios humilhados e esquecidos” e Arguedas — “Desse Deus que faz sofrer —, o fino e terno poeta que foi Gonzalo Rose teria dito: ‘Esse não é nosso Deus, não é mamãe’” (GUTIERREZ, 2008, p. 44).

Gutiérrez afirma que “Partindo da densidade da vida humana, uma linguagem baseada num mundo cultural determinado deve saber narrar a experiência de Jesus e dos que acolheram seu testemunho” (GUTIERREZ, 2008, p. 63).

A mudança do enfoque e do valor narrativo, no entanto, marcada pelas interpretações da vida dos pobres permitiu enxergar nas narrativas outras visões possíveis. O próprio Jesus era um narrador. O teólogo é chamado a ser um narrador da esperança, comprometido com a solidariedade, com os pobres, com um olhar de um “lócus”, imerso numa participação ativa de luta pela dignidade, sendo o “primeiro ato” da sua teologia.

Uma teologia que ponha nele seus pés, que saiba narrar a fé, será uma teologia humilde e respaldada no compromisso pessoal. Uma teologia que propõe e que não pretende impor, que escuta antes de falar. A verdade surge do silêncio, dizia Simone Weil pouco antes de sua morte. Isso também vale para o falar de Deus (GUTIERREZ, 2008, p. 68).

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

CELAM: O Conselho Episcopal Latino-Americano é um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII, a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. Este Conselho organizou cinco (5) Conferências Gerais do Episcopado Latinoamericano e do Caribe: Rio de Janeiro (Brasil-1955); Medellín (Colômbia-1968); Puebla (México-1979); Santo Domingo (República Dominicana-1992) e Aparecida-SP (Brasil-2007).

GUSTAVO GUTIÉRREZ: Gustavo Gutiérrez Merino (Lima, 8 de junho de 1928) é um teólogo peruano e sacerdote dominicano. Sofreu de osteomielite na infância e adolescência, permaneceu em cadeira de rodas dos doze aos dezoito anos. Ao recuperar a mobilidade, estudou medicina e letras na Universidad Nacional Mayor de San Marcos em Lima. Possui 23 títulos de Doutor Honoris Causa outorgados por universidades de diversos países: 5 no Peru, Argentina, Holanda, Suíça, dois na Alemanha, dez nos Estados Unidos, dois no Canadá e também na Escócia, obtidos entre 1979 e 2006.

Referências

- ALMEIDA, J.C. Salvação e solidariedade na obra de Gustavo Gutiérrez, 2005. In: **Revista Eletrônica da PUC-SP**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/25052/17883>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- GOMES, J.L.G. **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas**. Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- GUTIÉRREZ, G. **A Verdade vos libertará**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **A Densidade do Presente**. São Paulo: Loyola, 2008.
- LIBÂNIO, J.B. Panorama da teologia da América Latina nos últimos anos. In: Koinonia: serviço bíblico latino-americano. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/relat/229.htm>. Acesso em: 22 abr. 2021.

CELAM de Medellin-1968

- CELAM de Medellin-1968

Tópicos(s):

CELAM de Medellin-1968

Tipo: **Conteúdo**

Conforme explicação no glossário da aula anterior, o CELAM é o Conselho Episcopal Latino-americano que organizou cinco Conferências Episcopais Latino-americanas para repensar e atualizar o Concílio Vaticano II e situações dos povos latino-americanos sobre eclesialidade neste continente.

A Conferência da cidade de Medellin, na Colômbia em 1968, repercutiu positivamente na eclesialidade latino-americana e do Caribe, pois novos ares e novas perspectivas quanto Igreja, foram fundamentais para a trajetória continental, não só na recepção do Vaticano II, como no ser Igreja latino-americana voltada para a "opção preferencial pelos pobres" e para a questão da pessoa humana quanto imagem de Deus.

Tratar do humano situado em seu continente e em um momento histórico é outro dado relevante desse documento. A história é tratada fora da perspectiva da evasão. Ela é movimento no qual o cristão deve inserir-se com vistas à superação das condições injustas da existência. Em se tratando de um catolicismo de raízes portuguesas e espanholas, a superação da histórica como lugar de degredo, tão cara ao medievalismo ibérico, é dado incontornável e marca novo registro dialogal da Igreja Católica com o ambiente político moderno, a partir da América Latina (SIQUEIRA, 2018, p. 653).

Com relação aos “princípios teológicos”, Medellin valoriza o humano e a religiosidade popular como expressão da fé inculturada, conforme nos afirma esta própria Conferência: “Uma pastoral popular pode ser baseada nos seguintes critérios teológicos: A fé, e, por conseguinte, a Igreja, nascem e crescem em religiosidade culturalmente diversificada nos distintos povos” (MEDELLIN, p. 31).

A teologia bebeu durante muitos e muitos séculos das teologias europeias e americanas, que nos países do Terceiro Mundo não são relevantes por causa de diferentes realidades, é preciso um novo olhar e novas produções teológicas partindo dos países pobres. É um momento de uma “teologia pascal”, onde vida e morte estão presentes na vida do pobre (GOMES, 2016).

A teologia se quiser alcançar a realidade dos homens e mulheres de hoje, como forma de atingir estas gerações modernas, deverá ter na mente e no coração, três tarefas interligadas: 1. A complexidade do mundo do pobre; 2. A globalização e pobreza; 3. Aprofundamento da espiritualidade (GUTIERREZ, 2008, p. 105).

CELAM de Medellin-1968 - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

Na complexidade do mundo do pobre, as reflexões teológicas devem aprofundar o tema da pobreza, trazendo novas concepções de estudos sobre os pobres, tendo uma visão a partir da leitura feminina e não masculina, como foi a nossa história da teologia. Propor uma teologia com o olhar do outro, sendo este outro um pobre, uma mulher, um negro, um índio, um faminto, conforme nos afirma Medellín:

O amor, «a lei fundamental da perfeição humana, e, portanto, da transformação do mundo» (GS 32), não é somente o mandamento supremo do Senhor, é também o dinamismo que deve mover os cristãos a realizarem a justiça no mundo, tendo como fundamento a verdade e como sinal a liberdade. Assim é que a Igreja quer servir ao mundo, irradiando sobre ele uma luz e uma vida que cura e eleva a dignidade da pessoa humana (GS 41), consolida a unidade da sociedade (GS 42) e dá um sentido e um significado mais profundo a toda a atividade dos homens (MEDELLIN, p. 4).

Na questão da globalização e pobreza, onde “milhões de pessoas são transformadas desse modo em objetos inúteis ou descartáveis após o uso. Trata-se dos que ficam fora do âmbito do conhecimento, elemento decisivo da economia de nossos dias e eixo mais importante de acumulação de capital” (GUTIERREZ, 2008, p. 107). Há uma falta de humanidade da economia, destruindo a ecologia e não sendo limitada na sua ação cruel.

Sobre o aprofundamento da espiritualidade, Gutiérrez parte das palavras do teólogo francês Marie-Dominique Chenu (1895-1990), onde “por trás de toda inteligência da fé, há uma maneira de seguir Jesus” (GUTIERREZ, 2008, p. 110). Assim, a espiritualidade é o seguimento a Jesus, e muitos fiéis deram suas vidas no seguimento a Cristo, exemplo de mártires.

O documento de Medellín confirma a posição do pensamento do Vaticano II sobre a real participação dos discípulos de Cristo na transformação do mundo em que vivemos e a partir dos pobres. As angústias e os medos se tornam mais intensos quando as sombras das injustiças se fazem presentes, mas a complexidade nas relações cresce a cada dia e a rapidez do tempo emerge a cada momento, sendo a justiça, em muitas ocasiões, esquecida e não praticada, porém sempre querida.

As relações na “complexidade do mundo pobre”, com um novo fazer da Teologia, acabam dando ao futuro o lugar da esperança, visto que o presente se torna luta diária para a sobrevivência, principalmente dos pobres. Não é trocar o conformismo da vida pós-morte por um “futurismo” evasivo e, sim, perceber que as misérias humanas existem, são desconsideradas e necessitam ser resgatadas pela teologia.

O evangelho é vivido na América Latina até a experiência da cruz. Em El Salvador, a Igreja Católica é perseguida por causa desta visão de libertação integral e ocorrem os assassinatos dos padres Rutilio Grande, Alfonso Navarro Oviedo, Octavio Paz, Ernesto Barreira Moto e outros, bem como do próprio Arcebispo Oscar Romero (25 de março de 1980), sendo que em 23 de março do mesmo ano ele havia pedido o cessar dos homicídios em sua homilia ardorosa: “Soldado, digo, não estás obrigado a obedecer uma ordem contra a lei de Deus... em nome de Deus, pois, em nome deste povo sofrido... cesse a repressão” (GRIGULÉVICH, 1984, p. 401).

No Brasil, D. Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu (município do Rio de Janeiro), foi detido, maltratado por “pessoas desconhecidas” e D. Hélder Câmara (de Recife) e D. Paulo Arns (São Paulo) sofreram represálias.

Os países da América Latina passam por situações de extrema pobreza, e o olhar da teologia bem como do Documento de Medellín priorizam estas realidades que precisam de vida em abundância: “O compromisso assim entendido, na América Latina, deve estar impregnado pelas circunstâncias peculiares de seu momento histórico presente, pelos signos da libertação, da humanização e do desenvolvimento” (MEDELLIN, p. 44).

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Oscar Romero - Óscar Arnulfo Romero Galdámez, conhecido como Santo Óscar Romero (1917-1980) foi um sacerdote católico salvadorenho, quarto arcebispo metropolitano de San Salvador (1977-1980), capital de El Salvador. Foi assassinado enquanto celebrava a missa, em 24 de março 1980, por um atirador de elite do exército salvadorenho.

Referências

- GOMES, J.L.G. **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas.** Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- GUTIÉRREZ, G. **A Densidade do Presente.** São Paulo: Loyola, 2008.
- GRIGULÉVICH, J. **La Iglesia católica y el movimiento de liberación em América Latina.** Trad. Federico Pita. Moscou: Ed. Progresso, 1984.
- MEDELLIN, DOCUMENTO. Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- SIQUEIRA, G. DO P.; BAPTISTA, P. A. N.; TEODORO-SILVA, W. A Conferência de Medellín: contexto político-eclesiástico e a posição sobre a Educação e a Juventude. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 50, p. 648-676, 31 ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018 v16 n50p648>. Acesso em 23 abr. 2021.

Fé, Religião e Espiritualidades

- Fé, Religião e Espiritualidades

Tópicos(s):

Fé, Religião e Espiritualidades

Tipo: **Conteúdo**

Sobre os conceitos de fé, religião e “religiosidades” muitas coisas já se falaram e ainda vão ser faladas, pois é uma realidade que atinge bilhões da população mundial, visto que há nas quatro maiores religiões do mundo de um total de 6,8 bilhões da população mundial, *4,65 bilhões se dizem pertencer a estas religiões*, sendo o Budismo entre 500 milhões e 1,5 bilhão de adeptos, o Cristianismo entre 1,9 bilhão e 2,1 bilhões (Católicos +- 1,2 bilhão; Ortodoxos +- 200 milhões; e Evangélicos +- 500 milhões), o Hinduísmo entre 950 milhões e 1 bilhão, o Islamismo entre 1,3 bilhão e 1,57 bilhão, perfazendo um total entre 68,38% e 90,73% de adeptos declarados. É claro que são pesquisas que não nos dão uma exatidão de pessoas ligadas realmente a estas religiões, mas que nos servem para olharmos com mais crítica para as práticas religiosas (RELIGIÃO, Termo no site pt.wikipedia.org/wiki/Religião).

A história da religião torna-se relevante a partir dos estudos sobre os elementos simbólicos (como os mitos e os rituais) alinhados à investigação filosófica antropológica e arqueológica no âmbito dos estudos referentes às estruturas e dos funcionamentos do pensamento simbólico (ELIADE, 2007, p. 20). Proposição reflexiva que procura inflamar o estudioso da religião a compreender os canais e os instrumentos conceituais indicados para a distinção e, concomitantemente, aproximações entre as concepções sob sagrado e profano. Sendo uma discussão sobre mitos, místicas, rituais, símbolos, tempos / espaços sagrados e hierofanias responsável por questionamentos: o que é religião e, em que medida se pode falar em história das religiões. São questões que sinalizam para uma introdução sobre a morfologia e o funcionamento das religiões formatadas e reformatadas pelas religiões ao longo das configurações e reconfigurações do nosso contexto histórico. São aspectos intimamente relacionados às diversidades dos círculos culturais emergentes.

A religião acaba penetrando em “todas as esferas da existência” (LIBÂNIO, 2002a, p. 116), e o ser humano inserido nos seus aspectos pessoais, político, econômico, social acaba levando para o mundo religioso sua

própria maneira de ser e compreender, a partir do lugar em que está inserido e sua carga de experiência de vida com todo o seu universo simbólico. Para Lecompte, "o desejo de salvação, a aspiração a uma relação interpessoal e a uma consideração existencial são realidades viscerais no coração do ser humano" (LECOMPTE, 2000, p. 199)

Considerando as questões existenciais do ser humano e lançando o simbolismo desta existência nas manifestações religiosas, vamos perceber as várias práticas de religiosidade conjugadas ou não com a fé e a religião.

Libânio citando o Censo do IBGE de 1991-1995 nos diz que surgiram no Brasil em torno de 4 mil novas denominações religiosas entre 1990 e 1992; e que surgiram no Estado do Rio de Janeiro cerca de 627 novas igrejas, "numa média de cinco novas igrejas por semana, uma por dia útil. A imensa maioria são pentecostais (91,27%)" (LIBÂNIO, 2002a, p. 24). Isto já demonstra uma certa crise, que poderíamos traduzir por entrelaçamento e/ou distanciamento dos conceitos de fé e religião, e até mesmo numa crítica mais veemente do distanciamento de Deus.

D'Andrea no seu livro *O self perfeito e a nova era* nos diz que:

Torna-se possível supor, portanto, que uma nova espiritualidade se esteja configurando nessa virada de milênio, percebida pelo sociólogo norte-americano Robert Bellah como uma "nova consciência religiosa" (1986, 1979) ou, nos termos do antropólogo britânico Paul Heelas, como uma "espiritualidade sem compromisso religioso" (1993, p. 107). (D'ANDREA, 2000, p. 20).

Para Libânio, há uma inter-relação entre o que o teólogo chama de três realidades: Fe, religião e "religiosidades". Para se ter uma prática de fé deve-se partir de três pilares: 1. Crer na palavra divina que é revelada (Sagrada Escritura); 2. Exigência de conversão; 3. Compromisso social do crer no Evangelho. Já para se ter uma prática de uma *religião* é fundamental ter também três pilares: 1. Seguir a Instituição; 2. Seguir a tradição; 3. Estar inserido numa comunidade de fé. Por complementação destas duas realidades vem a terceira que está no plural devido às vastas manifestações e surgimentos das mesmas, *as espiritualidades* que corroboram com a "Satisfação pessoal" (LIBÂNIO, 2002a, p. 87-109).

Lecompte no seu preâmbulo afirma que "um exame dos fenômenos espirituais não poderia ignorar o maremoto de descrença que marcou as décadas anteriores" (LECOMPTE, 2000, p. 11), ou seja, depois de um mundo de ideias contra a religião, de vaticinarem a "morte de Deus", a resposta veio de contra o que se esperava: uma avalanche de religiões.

Como respostas a esta avalanche de "religiosidades", Libânio nos aponta para várias pistas dentre elas nos diz que "Os psicólogos preferem trabalhar com a "falta", carência (...) Imaginem um magote de sedentos diante de uma fonte cristalina! Com que velocidade correrão para saciar-se". (LIBÂNIO, 2002b, p. 68). Este teólogo nos fala ainda que

As ofertas visam a satisfazer a dimensão de espiritualidade, de religiosidade presente no interior das pessoas. Esbarra-se numa realidade última, no mistério de muitos nomes. Há buscas mais superficiais que não implicam um encontro real com a Transcendência. Busca-se um clima de consolo, de reconhecimento, de acolhida que os

ritos ou celebrações geram(...) A vida torna-se assim mais suportável e prazerosa. (LIBÂNIO, 2002b, p. 81).

Na perspectiva a examinar o fenômeno religioso histórico, Eliade tece análise no cerne dos conceitos, como nostalgia, imagem, imaginário em resposta aos estudos freudianos relacionados às discussões sobre símbolos. A linguagem brutal de Freud e de seus seguidores não passa de um mal-entendido quanto a questão dos estudos relacionados aos símbolos, na medida em que

A atração que sente o menino por sua mãe e se corolário, o complexo de Édipo, só “chocam” quando traduzidos tais quais, em vez de serem apresentados, como se deve fazer, enquanto imagens. Pois é a imagem da Mãe que é verdadeira, e não a dessa ou daquela mãe, *hic et nunc*, como queria Freud. É a Imagem da Mãe que revela – e apenas ela pode revelar – sua realidade e suas funções ao mesmo tempo cosmológicas, antropológicas e psicológicas” (ELIADE, 1991, p. 10-11).

A partir das esferas cosmológicas (nostalgia), antropológicas e psicológicas (imagens e imaginário) é que a “atualização de um símbolo não é mecânica: ela está relacionada às tensões da vida social, e em último lugar aos ritmos cósmicos” (ELIADE, 1991, p. 21).

Diante de muitos estudos sobre estas “três realidades” (fé, religião e “religiosidades”), podemos perceber que de acordo com a relação do teólogo Libânio, o entrelaçamento destas três realidades aponta para um compromisso social, um seguimento à Tradição e Tradição aqui entendida não só como o Magistério da Igreja, mas ampliando para a produção dos Teólogos, as Liturgias Inculturadas, o “sensus fidelium”, o agir de Cristo e dos primeiros cristãos com a Palavra Revelada e Reinterpretada.

Assim, podemos positivamente atualizar as “espiritualidades” presentes no mundo ou como diz Libânio, “Evangelizar” as religiões das necessidades, dos milagres, dos consolos (LIBÂNIO, 2002b, p.86) e realmente ter uma experiência de um Deus Vivo. Caso contrário, teremos mais uma vertente, no caso pós-moderna, do que os filósofos do pessimismo ou realismo (Marx, Freud, Nietzsche e Feuerbach) e dos teólogos da morte de Deus anunciam no passado, só que com características próprias do presente, negando-se a positividade de uma esperança por dias melhores, aí sim poderemos correr o risco do distanciamento destas três realidades e não o entrelaçamento delas.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Libânio: João Batista Libânio (1932-2014) foi um padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensinou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte, e foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte, até sua morte. Escreveu vários livros e artigos sobre teologia.

Referências

- D'ANDREA, A. A. F. **O self perfeito e a nova era.** Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicional. São Paulo: Loyola, 2000.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico – religioso.** Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Tratado de história de las religiones.** Tradução de Tomás Segovia. México: Era, 2007.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade:** por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. Vídeo (Clip): **Interlacing or distance of faith, religion and “religiousness”: an approach from the theologian Libanio.** Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/download/2554/2760>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- LECOMPTE, D. **Do ateísmo ao retorno da religião.** Sempre Deus? São Paulo: Loyola, 2000.
- LIBÂNIO, J.B. **A Religião no Início do Milênio.** São Paulo: Loyola, 2002a.
- _____. O paradoxo do fenômeno religioso. **Perspectiva Teológica.** Ano XXXIV n. 92, p. 63-88, jan-abril 2002b. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/642>. Acesso: 20 abr. 2021.
- RELIGIÃO, Termo. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Religião>. Acesso em: 20 abr. 2021.

► Unidade 4

Pontuação requerida: 0

Unidade 4 e suas 4 Aulas.

Tema(s):

O ofício de teólogo

- O ofício de teólogo

Tópicos(s):

O ofício de teólogo - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O teólogo busca construir saberes para contribuir com os estudos da teologia e valorização do ser humano como “imagem de Deus”, enquanto desenvolvimento da ciência teológica, num diálogo com outras ciências. A valorização das ciências é para que enquanto pesquisador e estudioso de teologia, não caia em fundamentalismos e radicalismos que vão de contra as opções por libertar o ser humano de situações de vulnerabilidade e de fechamento.

O dia do teólogo é dia 30 de novembro e sua existência tem relevância e lugar na sociedade. O teólogo é aquele ou aquela que tem fé, erudito (a), de formação teológica sólida, deve ter habilidade para escrever, pesquisar, falar sobre a importância da teologia e exercer influência e responsabilidade no pensamento

social. Deve ser principalmente uma pessoa de oração que pede a Deus que ingresse no seu mistério e consiga passar uma teologia aberta aos apelos de Deus e das possibilidades de se solidarizar com os necessitados.

O teólogo valoriza as narratividades, vislumbrando mais estudos entre narração e realidade, narração e verdade, narração e relatividade e refletindo um Deus que se revela e dialoga, um Deus que falou na História da Salvação à Abraão, Moisés, aos profetas, pelo seu Filho Jesus, compreendendo a Revelação num descortinar da fé, com a escrita da Palavra, num ato de inspiração, acontecendo esta revelação para além das fronteiras do cristianismo, questionando as “revelações privadas” e outras situações específicas.

Ao sair de um estudo de várias situações de questionamentos e conflitos, de interpretações e reinterpretações, é válido o teólogo ressaltar que no mundo da hermenêutica, há visões que precisam ser refletidas e refeitas. É um entrelaçamento de narrativas, de diálogos possíveis e vislumbrados.

O fato é que o avanço das ciências, principalmente da Teologia, da Literatura, da Linguística, da Sociologia, da Biologia e da Psicanálise, assim como o estudo de tradições religiosas nos fazem apreender questões não observadas anteriormente e que nos levariam a uma alienação e absolutização da busca da verdade, enquanto verdades ditas e não ditas, se assim podemos chamar de “verdades”, ou/e a um aperfeiçoamento no estudo citado.

A narrativa traz consigo um universo de interpretações possíveis, dentro dos avanços das ciências como tais, mas ao mesmo tempo nos ingressa num mundo de, como diz Walter Benjamin: “magia, técnica, arte” e mistério. Na prática, a narrativa nos dá possibilidade de “viajar” com as técnicas existentes, uma “viagem” com os pés no chão.

O ofício do teólogo o faz valorizar o assunto da ecologia, ou como alguns citam ecoteologia, e nos acrescenta tanto na ciência, quanto na fé, estudos consideráveis. De início, tivemos muitos conflitos, depois a autoafirmação das independências de áreas, chegamos ao diálogo, tentativas de integração (não bem-sucedidas pelo próprio campo de atuação de cada área) e partimos para a convergência e ao mesmo tempo delimitação de campo.

A história do desenvolvimento científico, no que concerne ao sistema do mundo, mostra que foi necessário muito tempo para realizar um discernimento claro entre os dois pontos de vista. Por um lado, os sábios eram cristãos que, por respeito à sua fé, continuavam a misturar as preocupações religiosas com as descobertas científicas. Por outro lado, as autoridades da Igreja depressa consideraram que fé ficava ameaçada quando a ciência estabelecia um dado que não estava em concordância com a cosmologia bíblica (SESBOUE, 1999, p. 144).

Assim, em muitas ocasiões prevaleceram o medo e a radicalidade acima do avanço bio-técnico-científico e aqui científico, situando a Teologia como tal, pois também em muitas épocas a evolução teológica através do aparato linguístico, cultural, sociológico, literário e etnográfico, ganhou mais espaço no diálogo com outras ciências, avançando como ciência e ao mesmo tempo delimitando seu espaço, assim como o espaço de cada ciência, naquilo que se refere à criação, seja ela de fé e científica.

O percurso desta tão vista e revista palavra pelos teólogos “**EU CREIO**”, são assuntos abordados pelos teólogos, não como verdades absolutas, mas como objeto de estudo, o que podem ser vistos e revistos, discutidos e dialogados.

Como exemplo da evolução do pensamento do teólogo, faremos um pequeno mergulho na narrativa da criação do livro do Gênesis das Sagradas Escrituras, isto pode trazer para os teólogos, como diz Umberto Eco, “más interpretações” ou novas coisas e questionamentos que poderiam firmar o ser humano — homem e mulher — como sujeito em construção para um futuro que ainda não podemos traçar, nem

positivamente. Esta mensagem sobre o mundo e sobre os valores terrestres é extremamente positiva e não é negativa — como afirmam algumas religiões —, mas simplesmente estudo, técnica, arte e fé, ocorrendo novas maneiras de interpretações e reinterpretações.

O ofício de teólogo - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

A narração do Gênesis é uma construção a partir de recortes da literatura do mundo antigo, que interligados dão vida à história da Criação. Contudo, esta narração não tem a pretensão de ser concisa de um fato histórico, mas da transmissão de uma doutrina, de ensinamentos que postulam a elaboração de uma teologia. As narrativas dos seus relatos sincronizam sabedoria, tradição familiar, ciência, com o expediente de produzir uma consciência crítica do homem a respeito do universo, o que nos remete às velhas questões de sua existência: "quem sou?", "de onde vim?", "para onde vou?" (MAZZAROLO, 2003, p. 60).

Como a ideia da criação do mundo é pertinente desde a Antiguidade, a construção de sua narração atinge todos os povos desse período, passando de uma narração oral para uma narração escrita, à medida que a humanidade avança no seu processo evolutivo. Contudo, a narração bíblica da Criação — em particular Gn 1-2, em consonância com a perspectiva de B. Seboüé — possui um objeto a ser alcançado, fruto do período exílico onde foi escrita, o que não é o caso de ser abordado por nós. Como foi ressaltado a pouco, há uma sabedoria a ser transmitida, porém, encontramos particularidades: Gn 1-2 são duas narrações sobre a Criação compostas por correntes distintas: *Javista* e *Sacerdotal*, o capítulo 2 é anterior ao capítulo 1, estas, para nós, que estamos no encalce de respostas às questões emergidas pela religião em confronto com a ciência e vice-versa, abre perspectivas para situar o homem diante das questões próprias da sua existência no mundo.

Diante das duas construções narrativas sobre a Criação, a exegese bíblica nos dirá que o principal intuito é a transmissão e a garantia de uma teologia que estava sendo formada. Diante de toda a narração o homem situa-se como ser criado com a matéria da natureza, sujeito às transformações tal qual toda natureza passa. Em determinado momento o Gênesis é antropológico, preocupado mais com o homem (Gn 2,4b-25), em apresentar que sua condição mortal, e é oriunda da fragilidade do barro, sua matéria prima, e não da experiência do pecado. Em outro momento ele é cosmológico (Gn 1,1-2,4a), salienta a importância do homem e da mulher criados a imagem e semelhança de Deus, assinala a presença do mal e sua concretização não como um defeito da perfeita Criação, mas como fruto do rompimento do homem com seu compromisso administrativo da Obra Criada, contudo, sua preocupação maior é o detalhamento ordenado do cosmo (MAZZAROLO, 2003, p. 63).

A leitura de I. Mazzarolo reflete indagações e reflexões assim como a compreensão de que Deus está para além do que se considera início da Criação. Compreensão esta que é fruto de uma profissão de fé, entretanto, esta profissão de fé não satisfaz às indagações científicas, o que não quer dizer que são inválidas. "O princípio bíblico criacionista não invalida todas as pesquisas da ciência em torno das formas possíveis da origem da vida humana e das espécies" (MAZZAROLO, 2003, p. 96), embora no decurso da História o debate entre teólogos que defendiam a Criação do mundo, em conformidade à letra bíblica, com cientistas, que refutavam tal teologia em favor do evolucionismo, tenha sido grande e não está longe de ser resolvido. No bojo desse debate, o que ambas as partes se esquecem é de que existe uma teologia da Criação e não história da Criação. Portanto:

Não há conflito em admitir a possibilidade do ser humano ter vindo, por evolução, de outra raça, no caso, o macaco. A natureza física do macaco é terra igual a do ser humano, ao morrer, a matéria humana é igual a do macaco. O que diferencia é exatamente aquilo que o narrador bíblico quis evidenciar: o sopro divino. (...) É sobre esta matéria que o sopro divino vai criar a diferença: esse espírito é também alma, vida, a semelhança com o Criador. (MAZZAROLO, 2003, p. 98)

O sucesso neste conflito entre as respostas que os teólogos e cientistas de outras ciências postulam em relação à Criação, visam sanar uma crise, mas incorre em delimitações, pois a realidade insere-se em constante processo de mudança, a liberdade humana compreende limites porque o homem é limitado e o dualismo que concerne sua existência não corresponde mais à pauta das dúvidas da presente realidade. No caminho que busca para obter respostas o ponto de partida que existe para compreender a Criação do céu e da terra passa pelo homem.

Este pequeno exemplo sobre a Criação ocorre em outros vários conflitos, entre religiões e interpretações sobre Deus e a Palavra de Deus, que o ofício do teólogo pode minimizar e responder de forma tranquila e serena, sem radicalismos ou imposições de verdades, simplesmente pesquisando, verificando possibilidades, sem desvalorizar as outras ciências e sem ir contra ao ensinamento maior de Cristo que foi o amor e a solidariedade.

Com isso, percebemos que o ofício de teólogo precisa evoluir ainda muito, pois ainda vivemos imposições e falta de diálogo entre as religiões e internamente nas religiões. Cabe ao teólogo apresentar respostas que unem fé e razão, sem desmerecer outras religiões, culturas, valores e outras ciências.

Para Karl Rahner, "A vida do cristão se caracteriza por um realismo 'pessimista' e pela renúncia a uma ideologia construída em nome do cristianismo." (RAHNER, 1989, p. 467), sendo assim, o teólogo deve observar as realidades inseridas com olhar pessimista, um senso crítico apurado, porém com esperança de uma construção dialógica e a partir da negação de falas e produções que reforçam as ideologias que destroem a dignidade humana, sem usar o nome de Deus para reforçar estruturas que impedem propostas teológicas que libertam o ser humano integral.

Assim, o teólogo que está inserido numa determinada realidade não pode se atrelar a um poder cheio de uma vida passada e presente de corrupção, de destruição da natureza e da dignidade humana, e nem ir contra o próprio testemunho de Cristo e dos primeiros cristãos.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Inspiração: "A ação exercida pelo Espírito Santo sobre os escritores sagrados para determiná-los a escrever com seu concurso especial e sob sua direta influência as verdades que queria manifestar por este meio aos homens, ação tal que por ela Deus é o principal autor dos Livros Sagrados, mas com a colaboração de auxiliares humanos, seus órgãos inteligentes e livres e autores secundários da Escritura, e que o conteúdo dos

mesmos é todo inteiro a palavra de Deus escrita." (Definição do Mater Ecclesiae. Disponível em: <https://www.materecclesiae.com.br/inspiracao-biblica/>)

Referências

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ECO, Umberto. **Os limites da Interpretação.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOMES, J. L. G. **Bioética e Vulnerabilidade:** por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- MAZZAROLO, Isidoro. **Gênesis 1-11, E assim tudo começou.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2003.
- SESBOÜE, Bernard. **Pensar e viver a Fé no Terceiro Milênio.** Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. (1. ed. 1999).
- _____. **O teólogo Sesboüé: Não tenhais medo! 20 anos depois,** 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553099-o-teologo-sesbouee-nao-tenhais-medo-20-anos-depois>. Acesso em: 20 abr 2021.
- SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. *In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos* por Mârcia Junges, ano IX, n. 308, 2009, p. 32-34. Disponível em: https://issuu.com/_ihu/docs/ihuonline_edicao308. Acesso em: 20 abr. 2021.

Reflexão do papel do teólogo no mundo contemporâneo

- Reflexão do papel do teólogo no mundo contemporâneo

Tópicos(s):

Reflexão do papel do teólogo no mundo contemporâneo - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O ofício de teólogo nos dias de hoje difere das idades antigas, medievais e modernas. Na atualidade, o teólogo vai constatar determinados avanços como a hermenêutica, a antropologia, as diferenças culturais e religiosas, o crer, a linguagem, a narratividade, a compreensão de Deus.

A Bíblia possui livros, em sua maioria, de narrações: Caim e Abel, Moisés, Davi, os profetas, os discípulos de Jesus, do próprio Jesus. São vidas com seus atos, conflitos e acontecimentos e cada época tem um relato próprio.

Os meios de comunicação como televisão, cinema, rádio, internet também são expressões de narratividades com suas imagens, sons e técnicas, com reportagens que vão desde a idade infantil até a adulta, do conhecimento à religião.

Das narrativas bíblicas, mitológicas, midiáticas e outras, chega-se à hermenêutica, como proposta de compreensão interdisciplinar. A hermenêutica é "a arte da interpretação".

O termo "hermenêutica" no dicionário (AURÉLIO, 2001, p. 362) significa "método que visa interpretação de textos (filosóficos, teológicos, bíblicos etc.)", vem da raiz grega *hermēneuein* que em grego tem o

significado de esclarecer, interpretar, compreender. Outros falam que vem do deus Hermes, que inicia a linguagem e a escrita; outros ainda que é uma ciência, uma técnica. O fato é que o mundo das interpretações tem um vasto alcance, já que o homem vive em constante interpretações e reinterpretações, mostrando visões que questionam, que criticam, que abrem horizontes, que indicam critérios, princípios etc.

A hermenêutica não vai explicar, e sim, compreender o sentido da vida, o encontro do eu com o tu, o sentido da junção identidade e alteridade. A identidade pessoal é uma narrativa na descoberta das histórias de outras pessoas, outras culturas, outros povos. Na hermenêutica, as tradições dialogam com as novas criatividades, a atitude crítica se renova em cada ato responsável (GOMES, 2016).

A vida humana está estruturada de narratividades: canções, folclore, danças, parábolas, religiosidades populares, relato de fatos, publicações de artigos etc. A narratividade amplia os horizontes da razão, esta é história e narrativa, e não absoluta e nem o que não se pode contestar.

O Teólogo Sesboüe fala da não mais possibilidade de abordarmos Deus de maneiras categóricas ou a partir de conceitos absolutos, não só pela existência de um grande ateísmo, como pelo avanço da própria linguagem. O avanço das ciências não permite mais absolutizarmos verdades ou menosprezarmos os próprios avanços, principalmente na questão da linguagem.

Estamos cercados de todos os lados por uma multidão de ciências que nos dizem que, em muitas circunstâncias, não somos mais que marionetes manipuladas por fios que nos escapam. A ciência hoje é capaz de nos analisar, de nos decompor tal como desmontamos um motor. Ela pode também reconstruir-nos em diversas perspectivas e algumas disciplinas não param de o fazer. (SESBOÜE, 1999, p. 25)

Para Sesboüe, o ser humano por ser um "sujeito pessoal" que relaciona-se com outras pessoas e outras culturas cristãs ou não, trabalha dois pólos, o "objetivo" e o "subjetivo", num "diálogo interior" e subjetivo.

O pólo objetivo é muito fácil de definir : nele, com efeito, passam as palavras e as frases que nos dirigimos a nós mesmos e aos outros, que escrevemos também (...) O pólo subjetivo é muito mais difícil a discernir e a definir, simplesmente porque não podemos olhá-lo face a face. (SESBOÜE, 1999, p. 26)

Isto nos remete à questão da consciência e da inconsciência, mostrando os limites do homem diante dele mesmo com seus desejos, experiências, autonomias, sentidos e ligação ou não com o Transcendente ou como chama Sesboüe, "Absoluto", e aqui "o momento de nomear Deus". Ao nomear Deus, o ser humano interpreta e reinterpreta, num mundo de absolutizações e relativizações, e aí vem as perguntas: Quem estará com a verdade? É possível absolutizar as verdades, diante de um mundo pluralista? As verdades são relativas?

O que é crer nos dias de hoje? O crer nos aponta para a ligação entre fé e saber, onde o crer é uma realidade humana, mesmo para os que não crêem na questão de Deus. Há vários tipos de Crer: do "Crer nos

outros", do "Crer nos valores", do "Crer religioso", interligando o crer na Aliança de Deus, na História da Salvação dos homens e mulheres, sendo a fé não um privilégio de alguns, mas para todos; não um privilégio de um povo, mas para todos os povos e culturas; apesar de muitas religiões matarem "em nome de Deus", dando base e razões para não crer, juntamente com a questão do mal no mundo (SESBOÜE, 1999, p. 63).

Que linguagem o teólogo usaria para as realidades da fé nos dias de hoje? Há diferentes linguagens para diferentes ciências e há linguagens das relações humanas, linguagem da poesia, linguagem da fé. Na linguagem da fé, "como falar do Absoluto divino?". O limite da linguagem humana se esbarra na experiência também limitada do ser humano frente a um Deus considerado ilimitado. E aqui, ocorre o problema da ligação linguagem e verdade, diferenciando as verdades como: verdade científica, verdade poética etc. As várias verdades que por serem específicas se tornam relativas, chegando ao assunto das narrativas bíblicas, narrativas que apresentam teofanias e nestas a teofania de Jesus, numa comunicação de fé, com linguagens próprias, realçando o fenômeno da inculturação, dentro de seus quadros interpretativos.

Como apresentar o Creio em Deus na atualidade? Percebe-se nos estudos sobre Deus que há linguagens de Deus e as suas imagens do nosso tempo, imagens estas que muitas vezes não traduzem às várias realidades de vida e de fé; imagens que são recusadas por várias pessoas como: os teólogos da morte de Deus, os filósofos Feuerbach (1804-1872), Marx (1818-1883), Nietzsche (1844-1900), Freud (1856-1939), com suas idéias respectivamente de: "Deus é a projeção do homem", "o homem faz a religião, a religião não faz o homem", "Onde está Deus? (...), eu vou dizer-vos! Nós matamo-lo — vós e eu! Somos todos seus assassinos!", "a atitude religiosa é uma neurose obsessiva". Tudo isto caracterizando o que Sesboüe chama de "O tempo da ausência". Estas imagens associadas a outras como "Deus perverso", "Deus que tudo proíbe", "Deus violento" que massacra os seus inimigos no Antigo Testamento", "Deus sanguinário", trazem um grande número de fortalecimento dos que são contra as religiões, do ateísmo (SESBOÜE, 1999, p. 102ss).

Depois de muitas negações do Deus que é apresentado pelas religiões, como o teólogo pode apresentar: "Um Deus que é Pai"? Um Deus justo? Um Deus amoroso? Um Deus misericordioso? Um Deus humano? Um Deus que se entrega por nós em seu Filho Jesus? São questões de novas interpretações e apresentações para atingir pessoas que pensam, que questionam, que tem um senso crítico apurado, que tem acesso ao conhecimento material e virtual.

Reflexão do papel do teólogo no mundo contemporâneo - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

No estudo da Trindade, vimos que Deus Pai exprime a sua atitude paternal, fora de si mesmo, através da criação. O teólogo deve lidar com um conflito entre fé e ciência, citando a catequese — "catequista tradicionalista" — que gera na cabeça da criança um ensinamento e outro em sala de aula — "professor anticlerical" — sobre a palavra de Deus, tendo em vista o relato da criação. Assim, o papel do teólogo será de equilíbrio frente a este desafio e como solução deste conflito pode propor o seguinte: para a fé — catequese —, o relato da criação nos fala da origem, o discurso da finalidade, do "Por quê"; já para a ciência é o princípio, o como, o discurso de causalidade. Porém, ambas têm uma narrativa. Com isso, o teólogo abre horizontes interpretativos e demonstra através da hermenêutica, estudos antes não dialógicos.

Para Umberto Eco, existe um leitor semântico e um leitor crítico que leva a uma interpretação semântica e a uma interpretação crítica, ou ainda uma interpretação "semiótica" e uma interpretação semiótica (ECO, 2004, p. 11).

A interpretação semântica ou semiótica é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado. A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas (ECO, 2004, p. 12).

Dentro desta visão, Eco ainda nos aponta para interpretações e conjecturas, onde apresenta conceitos de "autor-modelo" e "leitor-modelo", sendo que o primeiro produz o segundo, acontecendo uma coerência entre a intenção do autor e a intenção da obra. Isto levaria para uma "deslegitimização" das más interpretações, ou seja, quando o leitor revela um aspecto de uma obra, significa que ele ignora ou deixa nas sombras, vários outros aspectos. Daí que novas interpretações sobre o mesmo texto acabam enriquecendo a narrativa, num universo de outras interpretações possíveis (ECO, 2004, p. 15-16).

Sobre a narrativa, Walter Benjamin nos fala que "o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros" (BENJAMIN, 1994, p. 201). A narrativa nos ingressa no mundo da relação narrador e leitor/ouvinte, onde a experiência contada pelo narrador é lida/ouvida pelo leitor/ouvinte de maneira pessoal. O leitor/ouvinte ao narrar o que leu/ouviu, transforma-se em um novo narrador e assim acontece sucessivamente na história da narração. Daí que somos aproximados da experiência da narrativa pela pessoa que nos conta ou narra, vivenciada por este "novo" narrador/contador.

Com isso, o teólogo terá que interpretar as narratividades da Palavra de Deus de forma atualizada, bem como as narratividades das expressões de fé de cada cultura, proporcionando uma sintonia com a vida prática e as manifestações do costume e tradições de cada local.

A problematização do teólogo diante das realidades e de Deus é um assunto relevante, pois para se ter um problema é necessário se ter um objeto. O teólogo frente às situações de narratividades deve perceber que o objeto será problemático a partir do momento que existirem as dificuldades. As dificuldades se deparam com as possibilidades de outras compatibilidades. Diante das congruências diversas surge o contraditório como um problema. Só algumas contradições implicam dificuldades. Assim, os problemas são descobertos pela mente humana a partir do objeto como fato real. Estes impasses são da ordem prática.

Além da hermenêutica, da linguagem, do crer nos dias de hoje, do valor da dignidade humana e de levar a doutrina social religiosa para a prática, o teólogo da atualidade também terá que conhecer as realidades da inculturação da fé onde atua e suas expressões de religiosidade popular, apresentando uma teologia de narratividades para um público cada dia sem prática religiosa, apesar de se autointitularem que tem uma religião, mas que na realidade não têm o seguimento à religião e às celebrações.

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Bernard Sesboüé, teólogo jesuíta largamente conhecido, é professor da Faculdade de Teologia do Centre-Sèvres em Paris. Foi membro da Comissão Teológica Internacional e é autor de uma obra considerada como clássica entre os teólogos católicos. Autor de quarenta livros, desde a patrística até a dogmática, do ecumenismo à atualidade

Referências

- (AURÉLIO) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. Século XXI. Escolar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ECO, Umberto. **Os limites da Interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ELIADE, MIRCEA. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico, religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FRANCISCO, F. M. A teologia e seu lugar na construção da sociedade, 2016. Disponível em: <https://domtotal.com/noticias/detalhes.php?notId=1101537>. Acesso em: 20 Ab. 2021.
- GOMES, J.L.G. **Bioética e Vulnerabilidade**: por uma pré-ocupação com a qualidade de vida. 2003. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas**. Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- SESBOÜE, Bernard. **Pensar e viver a Fé no Terceiro Milênio**. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. (1ª Ed. 1999).
- SOARES, A. Ser teólogo é uma profissão? O papel da teologia na sociedade, hoje, 2008. In: **Revista IHU online**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/13657-ser-teologo-e-uma-profissao-o-papel-da-teologia-na-sociedade-hoje-entrevista-especial-com-afonso-soares>. Acesso em: 20 abr. 2021.

O fazer teológico e político

- O fazer teológico e político

Tópicos(s):

O fazer teológico e político - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O fazer teológico se aproxima da união fé e razão. A ciência e a fé têm responsabilidades com uma interpretação próxima da verdade, mas que ambas têm as suas delimitações. A narrativa científica pertence ao âmbito da ciência e a narrativa de fé às tradições religiosas e literárias. O sentido das ciências é dado pelo seu próprio objeto de estudo, enquanto o da fé à ação criadora de Deus.

Com isso, o fazer teológico apresenta novas questões e interpretações que não se esgotam nas já existentes, pois muitas destas já existentes refletem em muitos casos, relações de dominação que não dão espaços para outros modos de interpretar e nem aceitam essas novas visões interpretativas:

A mudança do enfoque e do valor de novas interpretações e visões teológicas, no entanto, marcada pelas interpelações da ciência e da fé, faz com que a teologia enxergue na narratividade outras visões possíveis.

O fazer teológico permite ingressar nesta discussão várias ciências, pois é um assunto pertencente às mesmas, não só da Teologia, como também das demais. Isto nos leva a uma proposta de diálogo, desejado pelo próprio Concílio Vaticano II.

Fazer teologia, na sua condição de característica humana, revela um atributo que busca no sagrado ou não, sem especificar o que seja esse sagrado ou profano, tanto como momento interpretativo, quanto como explicação do "como", do "por que" ou de outros questionamentos, ou ainda mesmo para diálogo com as diversas ciências modernas ou pós-modernas.

Por essa razão, o estudo da teologia se abre com um leque às várias possibilidades não se tornando absoluta, mas respeitando as diversas interpretações, sem cair na alienação, fundamentalismo ou qualquer adjetivo que limite o fazer teológico.

Além de um fazer teológico voltado para a comunhão com o Concílio Vaticano II, e no caso da América Latina, também com a Conferência Episcopal de Medellín, este fazer deve ser acompanhado com a concretude da ligação entre fé e razão, que priorize o humano, a inculturação da fé, as vulnerabilidades dos pobres, a ecologia e a atenção aos rumos da economia e da política de cada país.

Como já estudamos um fazer teológico com muitos dos itens citados, faltou o da política que abordaremos a seguir.

Os autores Hans Schmidtt e Fernando Rivas Rebaque apresentam visões interpretativas que nos fazem pensar sobre as relações do cristianismo inicial com a questão política, e o tipo de teologia prática da época que impulsionou o pensamento para uma ação de libertação ou de aprisionamento político, bem como a produção cristológica nascente que leva a uma problematização considerável sobre esta atuação.

Diante das reflexões dos referidos autores, há o convite para olharmos para uma realidade antiga e questionarmos sobre as relações entre política, teologia (cristologia), ética cristã e produção teológica. Daí a relevância de uma Teologia Política que saia do individualismo e ingresse na visão crítica para obter novas relações sociais na vida concreta do povo.

Pelo menos nesse sentido, hoje se torna urgente uma teologia política. Uma vez que na teologia tradicional, ocorre algo como a privatização e um estreitamento do cristianismo, orientado apenas para a salvação interna do indivíduo, e isso é porque a teologia da esperança foi concebida apenas de maneira individualista e restrita à missão terrena do homem - constituído no criador - foi interpretada insuficientemente como simples mediação para conseguir sua esperança escatológica e realizar o seu amor ao próximo. Além disso, cabe conceber a teologia política como tarefa da teologia, consistente num permanente enfoque crítico do sistema social imperante em cada caso, que tenta sempre se converter em ídolo e de erigir-se em valor absoluto por uma opressão injusta (RAHNER, 1970, p. 246).

Rebaque divide a teologia política nos 'modelo radical' e o 'modelo conciliador'.
é visto como perverso e chamado a d
vinda de Cristo e a relativização
econômicas; e no modelo conciliador te



O fazer teológico e político - Parte 2

Tipo: Conteúdo

No oriente, com Império Bizantino, o imperador "era considerado como semelhante aos apóstolos e bispo dos bispos, exercendo uma espécie de supervisão sobre a comunidade eclesial". E no ocidente, com a renúncia de Graciano ao título de *Pontifex Maximus*, houve ainda a união entre Império e Igreja: "por um lado o Império — a sociedade, a família — é necessário para o ser humano como ser social e o poder dos governos procedem de Deus, que é ele que é outorgado para um reto governo; por outro lado, a Igreja, a formar bons cidadãos, contribuindo para o crescimento do Império". Já Santo Agostinho nos diz, em Ep 43, 5, 16, "onde a missão do bom imperador, consiste em procurar o reconhecimento dos eternos preceitos de Deus sobre a terra; a política cristã tem uma palavra para dizer aos assuntos religiosos..." (Citado por REBAQUE, 2011, p. 262-263).

Para o autor, esta "união" Império e Cristianismo (Igreja), trouxe também determinadas crises como: "não falar da escolarização dos saberes teológicos, a falta de protagonismo real das próprias comunidades cristãs, a submissão dos bispos aos ditames do imperador e toda uma série de consequências, sem dúvida, não queridas pelo resultado desta forma de relacionar-se da Igreja com a sociedade" (REBAQUE, 2011, p. 266).

Com outro processo, vem a questão do Cristo Dogmático no fim da idade antiga e na idade média, operacionalizando uma proposta de fé a partir do Concílio de Niceia (325 d.C. na Turquia atual, na época de Constantino I), para a construção da primeira parte do Credo (DENZINGER, 2007, p. 50-51). Esta ideia vem também do pensamento metafísico da *Nous* grega e se opõe ao Docetismo (doutrina que defendia o corpo de Jesus como ilusão e a sua crucificação como aparente – *Dokeō* em grego, significa "para parecer" e à própria *Gnose* (conhecimento) enquanto tal, mesma que esta no início se tornou amiga do cristianismo, posteriormente se torna "inimiga". Com isso, aproveitando a metafísica grega, Cristo tem sua existência antes da Encarnação, dando um aspecto eterno à natureza de Jesus e simultaneamente sendo Deus, como razão universal e concreta do mundo. Este Cristo Dogmático se torna oposição à religião política romana e dá ênfase a uma Cristologia Política. Os cristãos passam a ir de contra as ideias do Império Romano, querendo apresentar a ideia de uma "*Pax Christi*", a partir do Livro de Daniel, combatendo a "*Pax Romana*" (SCHMIDT, 1968, p. 77).

Contudo, como o cristianismo começou a ser a religião do Império Romano com Constantino, o Cristo Perseguido se torna o Cristo Imperador, refletindo esta ideia na arte e na literatura. A política contra o Império Romano fica anestesiada com a união entre Império Romano e Religião Cristã, fazendo com que muitos cristãos aderissem à ideia de um Imperador protetor dos cristãos (SCHMIDT, 1968, p. 78).

Assim, mesmo sabendo que Cristo na sua prática de vida fez renúncia ao poder da espada, o cristianismo realçando o Cristo Político com poder e glória, vem através de vários fatos da história, esmagar com a espada vários seres humanos, como: a história do Imperador Heraclito, esmagando os persas em Nínive, no séc. VII; o elogio do teólogo luterano Johann Andreas Quenstedt (séc. XVIII) aos príncipes saxônicos que esmagaram os turcos em Viena etc. (SCHMIDT, 1968, p. 79).

A missão terrena de Jesus, de que os Evangelhos dão testemunho, não só recebeu uma nova auréola sob a forma do 'Cristo dogmático', mas foi também modificada pela imagem do 'Cristo político'. E tanto pela imagem conservadora do Cristo poderoso que se formou através da ideia do Império com também dos movimentos revolucionários da Idade Média, do tempo da Reforma, e de muitos revolucionários dos tempos modernos. Tanto as ideologias do Império por sua natureza conservadora como as esperanças revolucionárias dum mundo novo vieram deformar a maneira como Jesus se tinha comportado perante o mundo, com amor esclarecido (Fl 1, 9 ss) e liberdade operante (Gl 5, 13 ss) – (SCHMIDT, 1968, p. 79).

Estas ideias deste Cristo Político permaneceram na história, mesmo com a nostalgia do século XIII ou as rupturas do século XIX, o fato que houve e ainda há identificação de Igreja com um sentido nacionalista, ora com lutas ideológicas e partidárias, ora com um "Cristo apolítico" que não deixa de ser uma atitude política (SCHMIDT, 1968, p. 80).

O fato é que os dualismos continuaram no pensamento cristão: Mundo mau X Igrejas; "Fuga do mundo" X ascese; novas espiritualidades X reais palavras e vida de Jesus; "Cristo bíblico histórico" X Cristo real; Medo X Mundo; "Vida Nova" X Vida no Mundo; Individual X Social; Contemplação X Ação; Conforme o autor: "Esta forma do Cristo político não acabou com o fim do Sacro Império Romano, mas sob forma secularizada tem continuado a dominar as relações vitais entre Igreja e Sociedade" (SCHMIDT, 1968, p. 81).

Para o autor, a esperança é que hoje, podemos refletir sobre "as relações entre a fé e a responsabilidade pública", mesmo que as ideias gregas e romanas domesticaram a mentalidade e o agir cristãos; ainda mais que numa sociedade avançada no campo biotecnocientífico, exigem diálogos de fé e sociedade, Igreja e mundo que apontem para "perspectivas políticas da mensagem de Jesus Cristo" diante das situações de conflitos sociais-econômicos em que se encontra o mundo atual (SCHMIDT, 1968, p. 81).

Glossário e Referências

Tipo: **Conteúdo**

GLOSSÁRIO:

Biotecnocientífico - avanço da biologia, da técnica e das ciências.

Referências

- DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** São Paulo: Paulinas e Loyola, 2007.
- GOMES, J. L. G. **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas.** Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé.** Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

- _____. **Qué es teología política?** (1970) p. 245-246. Disponível em: http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol10/38/038_rahner.pdf Acesso em: 20 abr. 2021.
- REBAQUE, F.R. Teología Política em el cristianismo primitivo, **Revista Estudios Eclesiásticos**, vol. 86 (2011), n. 337, p. 241-266. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/aleaut?codigo=258815>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- SCHMIDT, H. Notas sobre a problemática de uma 'cristologia política' – decisões cristológicas da Igreja Antiga. **Revista Concilium**, n. 6, (1968), p. 71-81.

Relação entre o fazer teológico e o ambiente socioeclesiastico

- Relação entre o fazer teológico e o ambiente socioeclesiastico

Tópicos(s):

Relação entre o fazer teológico e o ambiente socioeclesiastico - Parte 1

Tipo: **Conteúdo**

O relacionamento da Igreja com a Sociedade no decurso da história trouxe conflitos que perpassaram em cada ciclo da vida. As ideias gregas e romanas adaptadas para a teologia cristã nos primeiros séculos influenciaram as realidades históricas posteriores, trazendo um desvio de eixo da marginalidade para o poder.

Os impedimentos para que um real fazer teológico crescesse no cristianismo, independente das ideias gregas e romanas, se fizeram presentes na união com o poder vigente do Império Romano, e se tornaram fortes, acabando por deslocar a teologia para alimentar o domínio político do império romano.

Para Karl Rahner, "A vida do cristão se caracteriza por um realismo 'pessimista' e pela renúncia a uma ideologia construída em nome do cristianismo." (RAHNER, 1989, p. 467), daí, a luta de Cristo contra os poderes do mal e a luta dos primeiros cristãos contra a miséria e a falta de caridade, superando os martírios e acreditando num mundo de justiça e de paz. "O cristianismo nos proíbe recorrer aos analgésicos de tal maneira que não possamos mais beber livre e voluntariamente com Jesus Cristo o cálice da morte desta existência" (RAHNER, 1989, p. 468), assim fugir do martírio e se atrelar a um império cheio de uma vida passada e presente de mortes e martírios, se torna uma atitude política que deixa sérios conflitos contra o próprio testemunho de Cristo e dos primeiros cristãos.

Com isso, as mazelas do poder civil e poder religioso fizeram mudar a atitude política de aceitação do martírio como expressão de insatisfação política e social para uma expressão de acomodação, com satisfação e tranquilidade proporcionadas pela cristianização do império romano, indo de contra aos desafios vividos por Cristo e pelas primeiras comunidades cristãs, conforme Karl Rahner: "somente quando vivemos este realismo pessimista, renunciando a uma ideologia que absolutize e idolatre bem determinado setor da existência humana, somente então estaremos em condições de nos permitir dar por Deus aquela esperança que realmente nos liberta" (RAHNER, 1989, p. 469).

Peterson no seu artigo sobre "El monoteísmo como problema político", inicia com as palavras de Aristóteles "Os seres não querem estar mal governados. Não é bom que mandem muitos; que haja um só senhor" (ARISTÓTELES, livro 12 da *Metafísica*, citado por PETERSON, 1999, p. 51). Peterson nos fala que a Igreja ao expandir-se através do Império Romano se atrelou ao princípio monárquico da filosofia grega, levando uma

política que se chocou com o pluralismo dos deuses gregos, bem como, interpretando a "Pax Augusta" como cumprimento das profecias do Antigo Testamento, havendo uma justificação de uma situação política através da palavra de Deus. Para este autor, isto só foi minimizado com o dogma trinitário que apresenta um mistério que não é da criatura e sim de Deus e que a paz não é garantia do imperador e que pertence "Àquele que está sobre toda a razão" (PETERSON, 1999, p. 94-95).

Carl Schmidtt (2006) acentua em seu artigo (Teologia Polítca) o Estado de exceção, tendo este uma analogia com a jurisprudência, como o milagre para a Teologia, sendo "somente com a consciência de tal posição análoga pode ser reconhecido o desenvolvimento tomado pelas ideias filosófico-estatais nos últimos séculos, pois, a ideia do Estado de Direito moderno ocupa-se com o deísmo..." (SCHMIDTT, 2006, p. 35).

No mundo avançado biotecnocientífico, a discussão sobre os problemas atuais de sobrevivência é um desafio para o fazer teológico, visto que muitos modelos de Estado e de ideologias se mostraram inapropriados e falidos para um mundo que exige mais soluções a curto, médio e longo prazos dos seus próprios problemas básicos. O diálogo entre Teologia e países, entre Fé e Ciência, entre sustentabilidade e exploração econômica, aponta para um futuro melhor das novas populações mundiais.

O cristianismo pode prover uma inestimável contribuição à vida humana. Quando uma noção de progresso científico ilimitado, incapaz de levar em consideração valores tais como o bem humano, chegando a ser uma realidade não questionada, a Igreja católica encontra a oportunidade de restabelecer uma discussão mais ampla e profunda acerca do futuro da humanidade (YAKSIC, 2011, p. 73).

Para toda a cultura do tempo de Jesus, o seu anúncio e a sua vida prática apontavam para questões básicas de dignidade humana e valor da vida de cada ser humano. Jesus, em sua vida pública, zelava e se solidarizava com os golpeados em sua dignidade: "Felizes vós que agora passais fome, porque sereis saciados" (Lc 6,20). Jesus inverte a lógica política e social, proclamando a soberania de Deus sobre todos os poderes humanos, políticos, econômicos e sociais, salvando os excluídos: "cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa Nova" (Mt 11,5). Nas primeiras comunidades, é o Espírito Santo que dá vitalidade, transfigurando a vida e impulsionando o encontro entre nações, grupos e condições diferentes: "Não há mais nem judeu ou grego; escravo ou livre, homem ou mulher; pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus" (Gl 3,28).

O incentivo à solidariedade questiona a política vigente e os primeiros cristãos para uma política de atuação concreta às situações de miséria do povo, anestesiada pela cristianização do Império Romano, que pode estar perpetuado no decurso da história.

Na antiguidade, era designado como 'evangelho', por exemplo o anúncio de uma vitória militar ou da visita do imperador a uma de suas cidades. Porém, o evangelho que Jesus proclama é o evangelho do Reino de Deus... Obviamente ao término do reinado tem também uma significação social e política... Isto não significa de modo algum uma espiritualização de tal reinado. (GONZÁLEZ, 2003, p. 139-140)

O fazer teológico frente ao ambiente socioeclesial como em outros ambientes passa pela questão do poder. Diante dos poderes positivos, existem os negativos, daí a questão do fracasso humano e histórico do poder, para tal, o recurso é uma instância superior trans-histórica, sobrenatural: Deus vem sanar o poder humano com a redenção e a salvação, sendo que este poder demanda possibilidades diante da vida.

Estas possibilidades podem ser positivas ou negativas. O ser humano diante das propostas de melhores situações, muitas vezes alcança objetivos não esperados. Os remédios são exemplos desta ambiguidade, há efeitos positivos e negativos para os vários ambientes.

O fazer teológico do futuro terá que refletir sobre a responsabilidade, se questionando sobre os fins deste ou daquele pensamento e ação, os fins das igrejas, das crenças, da intervenção na natureza, criando ações de razoabilidade, submetendo as próprias ações ao crivo da razão. Ter uma razoabilidade de crenças e seus fins para não cair no fanatismo sem responsabilidade e sem compromisso com a igreja e com o social.

A razoabilidade passa pela humanização das ações, visto que a teologia e a filosofia ocidentais apresentaram os defeitos do exclusivismo, do absolutismo e do racionalismo, não valorizando as religiões e filosofias orientais, nem os sentimentos. E entre a falta de equilíbrio diante do conflito de razão e emoção, chega-se à angústia que leva a atitudes de agressão (GOMES, 2016).

Relação entre o fazer teológico e o ambiente socioeclesial - Parte 2

Tipo: **Conteúdo**

A teologia se inscreve no interior de um movimento mais geral, que foi gerando a si próprio durante todo o século XX, em torno de um novo estilo de gestão da vida e de morte, de fé e descrença, de prática religiosa e sem prática, de ações sociais e indiferença, valorizando o princípio da liberdade, dos direitos de intimidade e privacidade, reconhecimento de deveres perfeitos e imperfeitos, da responsabilidade.

O teólogo atenta para que a religião não é subordinada aos fins de si mesma e nem tão pouco à moralidade, pois o reino de Deus não se reduz à moralidade e nem à religião, visto que a religião deve superar qualquer moral. A experiência religiosa é para se ter uma experiência de Deus, enquanto a moral é uma experiência de obrigação. Por isso, o fazer teológico enquanto está ligado a uma religião é transcendental, visto que o absoluto é Deus, enquanto a moral é limitada, pois se liga ao humano. Para que o homem seja pleno, ele deve se abrir à vida do espírito, aspirando ao absoluto que é Deus.

O fazer teológico supõe uma abertura à secularização, um diálogo não só ecumênico, mas também com os demais segmentos da sociedade, isto associado ao direito à privacidade e à intimidade. É uma descoberta do Deus da profundidade que existe dentro de cada um, abrindo-se para o profundo que está no interior do ser, pois o cristianismo não é o centro do mundo, pois outras religiões não cristãs também têm sua legitimidade na salvação e nas espiritualidades. Há um questionamento do cristocentrismo tradicional que se alocava acima das diversidades religiosas, visto que os novos paradigmas do diálogo inter-religioso incluem a interlocução do pluralismo, e o Deus de Jesus constitui um símbolo de abertura.

O fazer teológico num ambiente socioeclesial abre possibilidades para uma Igreja "em saída", conforme nos fala o Papa Francisco, e valoriza a doutrina social da Igreja como forma de reerguer o ser humano das misérias que vivem milhões de pessoas no mundo, numa vida social que assombra a sociedade e as pessoas imbuídas do ser cristão ou de outra denominação religiosa. Ouvir os clamores de sociedades em desespero e vulneráveis é saber seguir os passos de Jesus de amor pelas criaturas humanas e assumir as cruzes oriundas do fazer alguma coisa para o bem da alteridade. As mudanças significativas trazidas pelo Concílio Vaticano II e pelos papas do Concílio e do pós-Concílio fez repensar as atitudes da Igreja, enquanto

instituição que valoriza o social. Com isso, o fazer teológico também mudou de rumos, saiu de atitudes abstratas e absolutas para ingressar nas atitudes de reerguimento da pessoa humana como "imagem de Deus" e com a valorização da vida, e "vida em abundância" conforme Cristo anunciou, viveu e pregou.

Para Masiá, teólogo espanhol jesuíta que vive no Japão há 30 anos, as normas necessitam de abertura para livrarem da intolerância, resgatando ações em prol da vida. A interatividade entre povos e religiões é prioridade para que a humanização e libertação sejam realidades e possibilitem o diálogo entre os diferentes e exista justiça.

As éticas expostas – às vezes, infelizmente, mais impostas que propostas – com excesso de segurança estimulam as consequentes atitudes de fanatismo, exclusivismo, dogmatismo e intolerância. No extremo oposto, a classe de tolerância que flutua à deriva num mar de total insegurança conduz ao relativismo e à falta de ética. Em busca precisamente de um meio-termo, foi proposta uma "ética na incerteza", feita com disposição e metodologia questionadora (MASIÁ, 2007, p. 43).

Por conseguinte, são consideradas os fazeres de responsabilidades como ponte para o futuro melhor, imbuídas de um fazer teológico socioeclesial de esperança e ações de transformações sociais que se concretizam por meio de relações interativas: humanização, dignidade humana, pesquisa e teologia, posicionamentos eclesiológicos, relações práticas de libertação. Papa Francisco estimula uma solidariedade universal, na Laudato Si', encíclica sobre a responsabilidade na construção de um mundo de justiça, amor e preocupação ecológica com o planeta:

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos une a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal. Como disseram os bispos da África do Sul, «são necessários os talentos e o envolvimento de todos para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus». Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades. (LS, n. 14)

GLOSSÁRIO:

Estado de Exceção: Pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do totalitarismo moderno, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanente (ainda que, eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos. Diante do incessante avanço do que foi definido como uma "guerra civil mundial", o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea (AGAMBEN, 2004, p. 13).

Referências

- AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BOFF, C. Conselhos a um jovem teólogo. In: **Perspectiva Teológica**, v. 31, pp. 77-96, 1999. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/840>. Acesso em 23 abr. 2021.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. **Carta Encíclica Laudato Si'**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015.
- GOMES, J. L. G **Imposições ético-morais do coronelismo do norte de Minas**. Um estudo a partir de Diego Gracia e Juan Masiá, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG, 2016.
- GONZÁLEZ, A. **Reinado de Dios e império**, Ensayo de teología social. Bilbao: Sal Terrae, 2003.
- MASIÁ, J. **Encontros de bioética, lidar com a vida, cuidar das pessoas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- PETERSON, E. **El monoteísmo como problema político**. Madrid: Trotta, 1999, p. 48-123;
- RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SCHMIDTT, C. **Teología Política**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- YAKSIC, M. **Política y Religión**. Teología Pública para um Mundo Plural. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2011.
- ZILLES, U. O magistério dos bispos e o magistério dos doutores. In: **Teocomunicação** Porto Alegre v. 38 n. 160 p. 210-225, maio-ago. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/4485>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- ZUBIRI, Z. **Naturaleza, Historia, Dios**. 6. ed. Madrid: 1974. Disponível em: <http://www.zubiri.org/works/spanishworks/nhd/nhdcontents.htm>. Acesso em: 10 abr. 2021.